

The background image shows a person in silhouette, sitting on a dark bench. They are positioned in front of a set of red curtains hanging from a wooden rod. A warm, golden light emanates from behind the curtains, creating a strong backlight effect. The person's head is bowed, and their hands are resting on their knees. The floor in the foreground is covered with a layer of shimmering, golden particles, possibly confetti or glitter, which reflects the light. The overall mood is contemplative and dramatic.

Cortinas Sobre a
Mente e o
Passado

escrito por
Antonio Martines Brentan

DADOS BIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR

Dezembro 2016 - O Tempo Não Apagou

Fevereiro 2018 - Veredas da Alma

Julho 2019 - Estranho Valores

Junho 2020 - A Vida, a Morte, e o Amor

Janeiro 2021 - Perdão e Recompensa

Janeiro 2022 - Caminho das Pedras

Janeiro 2022 - Onde Se Esconde A Felicidade

Janeiro 2023 – Um Amor de Verdade

Janeiro 2023 – Conhecimento, Nosso Maior Tesouro

Janeiro 2023 – A Força do Amor

Janeiro 2024 – Romances No Agreste

Janeiro 2024 – De Volta ao Passado

Janeiro 2024 – Regeneração

Janeiro 2024 – Um Estranho Amor de Mãe

Janeiro 2024 – Tempos Melhores Virão

Janeiro 2024 – Recomeçar, Para Ser Feliz

Fevereiro 2024 – A Frágil Justiça dos Homens

Março 2024 – Um Lugar Chamado Caprinos

Julho 2024 – Guiados Pelas Mãos do Destino

Abril 2025 – Filhos, Esses Nossos Desconhecidos

Abril 2025 – Coletânea De Prefácios e Introduções

Junho 2025 – O Caminho da Verdade

The background image shows a person in silhouette, sitting on a dark bench. They are positioned in front of a set of red curtains hanging from a wooden rod. A warm, golden light emanates from behind the curtains, creating a strong backlight effect. The person's head is bowed, and their hands are resting on their knees. The floor in the foreground is covered with a layer of shimmering, golden particles, possibly glitter or confetti, which reflects the light. The overall mood is contemplative and dramatic.

Cortinas Sobre a Mente e o *Passado*

escrito por
Antonio Martines Brentan

Primeira edição | Agosto de 2025

Copyright © 2025 *by*

Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2025] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão gramatical: Autor

Capa e composição: Marcos Ferreira

Projeto da capa: Zara Lúcia

. . .

Disponível online

<https://www.antoniomartinesbrentan.com.br>

The background image shows a person in silhouette, sitting on a dark bench. They are positioned in front of a set of red curtains hanging from a wooden rod. A warm, golden light emanates from behind the curtains, creating a strong backlight effect. The person's head is bowed, and their hands are resting on their knees. The floor in the foreground is covered with a layer of shimmering, golden particles, possibly glitter or confetti, which reflects the light. The overall mood is contemplative and dramatic.

Cortinas Sobre a Mente e o *Passado*

escrito por
Antonio Martines Brentan

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

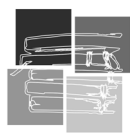
Martines Brentan, Antonio (Escritor).

Cortinas Sobre a Mente e o Passado -- Antonio Martines
Brentan. -- São Sebastião Pontal, MG. ; Zara Lúcia
(projeto) : Edição do autor. 1ª ed. agosto de 2025.

1. Dissertações 2. Filosofia 3. Diretrizes
4. Doutrina Espírita I. Brentan, Antonio
Martines, 1956 II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Dissertações : filosofia : Doutrina Espírita



Índice

Prefácio	9
Introdução	15
O Menino Solitário.....	23
A Nobre Vocação de Vital	31
Vital, Admitido como Voluntário	41
Uma Singela Palestra	49
Um Domingo Muito Feliz.....	57
O Primeiro Amor	67
Um Novo Modo de Vida	73
Visita Surpresa	79
Retorno a Casa Paterna	87
Sonhos Reveladores.....	97
Investigando o Passado	105

O Mistério Continua.....	113
Passeio Prejudicado	121
Momentos de Dificuldades.....	129
Cura Repentina	135
A Arte de Dosar, Conteúdo e Tempo...	143
Visita Inesperada.....	153
O Morador Mais Novo do Abrigo.....	163
O Renascer de um Novo Homem	171
Uma Médium Vidente	177
O Espírito de Sr. Tomé à Reunião	187
Laços de Família	195
Almoço em Família.....	203
Problemas Familiares	213
O Oculto Sendo Descoberto	221
 EPÍLOGO.....	 227

Prefácio



MUITAS PESSOAS POSSUEM IDEIA distorcida do que seja Doutrina Espírita, formaram suas próprias opiniões a esse respeito, sem nunca procurarem conhecê-la. Não seria através do prefácio de um romance, que conseguiríamos convencê-los de seus valores. A Doutrina Espírita se sustenta sobre três vertentes de pensamentos, filosóficos, científicos e religiosos. Os seres humanos indistintamente, dotados dos mesmos atributos, inteligência e livre arbítrio, têm a liberdade de nortear suas vidas, da maneira

como desejarem. A Doutrina Espírita tem o poder de despertar em certas pessoas, diríamos em poucas pessoas, questionamentos que até então não imaginavam, que poderiam ser perfeitamente explicáveis e compreendidos. Costuma-se dizer: “Ninguém é dono da verdade”, diria que cada indivíduo possui suas próprias verdades, que nem sempre são verdadeiras. São suposições, adquiridas no dia a dia, de fontes descompromissadas com a verdade, sustentadas sem nenhum raciocínio lógico, baseado em achismos, crendices e preconceitos. A filosofia desde os tempos imemoráveis, tem alertado ao homem, para necessidade do autoconhecimento. O filósofo pensador grego Sócrates, que viveu em Atenas, e teria morrido no ano 399 a.c., onde era mestre, já ensinava e aconselhava: “Conheça a si mesmo”, por entender que é exatamente em nós que residem todas as dificuldades, dúvidas e incertezas, que nos impedem de escolher o melhor caminho, e a maneira mais correta para conduzirmos nossas vidas.

O nosso conhecimento científico, vai se formando através de nossas descobertas, que vão eliminando nossas incompreensões, essas des-

cobertas são conquistas pessoais, que temos a certeza de que são verdadeiras, porque, quando as colocamos em prática, têm o poder de solucionar nossos problemas, e sanear nossas dúvidas. Se formos observadores, perceberemos que todos os dias deparamos com situações que não compreendemos, se as ignorarmos continuarão fazendo parte de nossas incompreensões, que se desfazem quando encontramos explicações lógicas, que revelam suas causas e naturezas, compreendido o agente causador, torna-se possível solucioná-las, e futuramente impedir que sejam para nós, pedras de tropeços. A Doutrina Espírita no bojo de sua codificação, revela um universo de informações, que a ciência hodierna dos homens, ainda não dispõe de meios para comprová-las em sua totalidade, à medida que o conhecimento da humanidade for se ampliando, embasados em suas descobertas científicas e tecnológicas, essas informações reveladas por Espíritos Superiores, a quase dois séculos, vão sendo confirmadas de formas verídicas e incontestes.

O indivíduo não precisa necessariamente seguir uma religião, para ser considerado um

homem de bem, quando os conhecimentos e as descobertas que realizam, têm o poder de transformá-lo para melhor, em sua moral, ética e justiça, que somente o autoconhecimento, é capaz de proporcionar as pessoas. O ato de se acreditar com convicção em alguma coisa, é uma conquista de nossa razão, quando temos certeza de que aquela informação é verdadeira, por que a submetemos ao crivo de nossa razão, sob análise minuciosa, e convenceu-nos de sua veracidade, passamos ter fé nela. Como disse Jesus Cristo, em Mateus 17.20, se tiveres fé do tamanho de um grão de mostarda, ela poderá remover montanhas: “A fé transporta montanhas”. Não exatamente no sentido literal da palavra, mas do poder de sanear nossas dúvidas e incompreensões, e permitir que acreditemos incondicionalmente.

A fé uma força interior tão grande, que tem o poder de transformar aquele que a detém, em uma fortaleza, adquirir autoconfiança, e nada que venha lhe acontecer o faz temer, ou fraquejar. Tem convicção que acima dele, e de todos, existe um Poder Maior, que tudo sabe, e a tudo comanda,

só exige que façamos a nossa parte. Entendemos esse poder maior, personificado em um Ser Supremo, a quem chamamos DEUS, que para governar Sua gigantesca Obra, e Sua vasta Criação, quando nos referimos a Sua Obra e Criação, não nos limitamos, aos inúmeros elementos existentes em nosso planeta, mas a infinidade de elementos que compõe o universo, completamente desconhecido pela humanidade terrena. Para governar a tudo, criou Leis, e tudo e a todos indistintamente estamos submetidos a Elas. Para isso necessariamente devemos conhecer, obedecer e jamais infringi-las. Não queiramos mudar aquilo que não nos compete, limitamo-nos a mudar a nós mesmos, que somos ainda muito imperfeitos, de conformidade aos Seus preceitos, então conseguiremos ser, o que Deus, espera que sejamos, “Um homem de bem”. JESUS CRISTO, o espírito mais iluminado e evoluído que nasceu nesse planeta, mestre por excelência, ensinava: “Amai a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo”. A Doutrina dos Espíritos corrobora: “Amai-vos, eis o primeiro mandamento. Instrui-vos, eis o segundo”.

Para encerrar esse breve prefácio, para reflexão, decidimos reproduzir a pergunta 918, e a resposta, contidas em O Livro dos Espíritos:

Pergunta 918: Por que indícios se pode reconhecer em um homem o progresso real que lhe elevará o Espírito na hierarquia espírita?

Resposta: “O Espírito prova sua elevação, quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da Lei de Deus e quando antecipadamente compreende a vida espiritual”

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 23/06/2025.

Introdução



AS EXPERIÊNCIAS COM fenômenos transcendentais, induz aquele que o experimenta, conhecer mais profundamente, as causas geradoras dessas manifestações, com base em informações obtidas através de pesquisas, em fontes seguras, como os são as Obras Básicas da Doutrina Espírita, aos quais os cinco livros que a compõem são conhe-

cidos, como “O Pentateuco”, nesse particular, com base nas informações contidas em “O Livro dos Médiuns” e naquilo que se vivenciou, torna-se fácil acreditar e compreendê-los. A história fictícia que iremos escrever, tem seu início, quando uma criança em tenra idade, com pouco mais de cinco anos de idade, “Vital” começa ter contatos, com seres que somente ele conseguia ver e ouvir, sem compreender que se tratava de entidades espirituais, ou seja, espíritos de pessoas, que quando eram vivas, melhor dizendo, encarnados, em uma época passada, quando essa fazenda estava sendo desbravada, habitaram esse lugar, onde agora, muitos anos depois, essa criança morava com seus pais e irmãos. Esses espíritos por razões que desconhecemos, continuaram perambulando por aquela propriedade.

O menino Vital, possuidor de dons mediúnicos bem acentuados os viam, e conversava com eles sem imaginar que não eram seres corpóreos como ele, e sim seres espirituais, que se materializavam inconscientemente para se comunicarem. Inexplicavelmente essa criança

quando completara sete anos, começara frequentar a escola, a partir de então, não mais conseguia vê-los, nem ouvir, sem entender as razões, porque desapareceram e não mais retornaram, tornara-se uma criança triste e solitária, porque os consideravam seus amigos, gostava de estar e conversar com eles.

Aos dezesseis anos, para obter respostas, sobre o que vivenciara no passado, e na esperança de readquirir seus dons mediúnicos, passara estudar sozinho às escondidas, as obras da codificação espírita, como não conseguia de volta seus dons mediúnicos, resolveu mudar-se da fazenda para uma cidade, procurando obter ajuda. Após realizar sem sucesso, um curso para reaver sua mediunidade, conheceria algumas pessoas, e fizera amizades com elas, influenciado por esses amigos, decidiu dar outra direção a sua vida. Começou trabalhar, casou-se, e passou ter uma vida normal, como qualquer pessoa.

Não obstante a Doutrina Espírita concluir, que as pessoas de um modo geral, possuem o dom da mediunidade, em níveis diferentes

de emancipação, é um atributo que a própria Doutrina Espírita, não compreende as causas, porque ela assim se revela. Se teria alguma relação com fatores biológicos, neurológicos, psicológicos, ou seriam exclusivamente condições espirituais. Sinceramente não temos conhecimentos específicos abalizados sobre esse assunto, para elucidar essa questão de maneira mais convincente. Mesmo assim, não poderíamos omitir em relatar nossa modesta interpretação: Entendemos mediunidade como sendo uma aquisição do espírito, que quando reencarna trás arraigado em si, esses recursos de forma mais ou menos acentuada, para atender a propósitos exclusivos. Se trata de uma grande responsabilidade que o espírito assume, tanto que responderá em juízo, pelo bom ou mal uso que dele fizer. Outra questão que gostaria mencionar sobre mediunidade, não se trata de um dom permanente, poderá sê-lo, mas poderá ser temporário, e fugidio, aparecer e desaparecer, sem o concurso de nossa vontade, como aconteceu ao nosso personagem fictício Vital.

Não obstante ter perdido o dom da mediunidade, resquícios de acontecimentos do pretérito, permaneciam registrados em seu inconsciente, que começariam aflorar através de sonhos, que viriam validar as informações contidas nos ensinamentos da Doutrina Espírita, que a vida não se resume em uma única e breve existência. Com base nas informações obtidas nesses sonhos, decidira investigar, para melhor compreender. Encontra um Senhor, antigo morador daquela fazenda, que não só testemunhara aqueles acontecimentos ocorridos, na época de sua existência pretérita, como teria tido participação ativa neles, à serviços do patrão, que era fascinado pelas ideologias nazistas. Não obstante essas informações fornecidas por esse Senhor, coincidirem com as obtidas através de seus sonhos, não foram suficientes para identificar um elo, capaz de elucidar de maneira conclusiva, a legitimidade de que o espírito de Vital, seria de fato a reencarnação do espírito de Enoque, que era filho de Sr. Tomé, em anterior existência.

Enquanto não temos elementos comprobatórios que nos assegurem essa ligação, vamos refletir nas palavras contidas no Evangelho de Jesus Cristo, Segundo Mateus 12.47 a 50, quando alguém disse a Jesus: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora, querem falar-te. Porém respondeu a quem lhe disse: Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos? E, estendendo a mão para os discípulos disse: Aqui estão minha mãe e meus irmãos. Pois todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe.

Nosso personagem Vital, apesar de não obter naquele momento, as respostas que necessitava, capaz de elucidar de maneira convincente seus questionamentos, era inteligente e obstinado, não desistiria de continuar perseguindo, até encontrar as respostas que precisava. Continuaría estudando e investigando sistematicamente. Ainda seguindo os ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo, Segundo Mateus 7.7-8, orienta-nos “Pedi e vos será dado, buscai e achareis”.

São nos momentos difíceis, que devemos demonstrar para nós mesmos, o poder de nossa fé,

não nos deixando abater, nem atribuir a outrem as razões de nossas desditas, para isso o mestre nazareno, ensinou-nos que devemos habituar-nos recorrer aos poderes da prece, e da ação providencial, não apenas em nossos momentos de aflições, mas praticá-las em quaisquer circunstâncias, tornar um hábito, em nosso dia a dia, em Seu Evangelho, Segundo Mateus 26.41, recomendando-nos “Orai e vigiai”.

Nosso personagem Vital, jamais desistiu em obter aquilo que desejava, seu testemunho e perseverança, contribuiu para isso. Não obstante a frase “Faça sua parte, que Eu farei a minha” não se encontrar nos Evangelhos do Novo Testamento, encontramos na bíblica, em Josué 1.9, onde Deus diz a Josué “Não te ordenei? Sê forte e corajoso, não temas, nem te espantes, porque o Senhor teu Deus, é contigo por onde quer que fores”

Mas de uma coisa todos os estudiosos haverá de chegar a essa conclusão, Deus não concedeu ao homem condições para compreender todos Seus desígnios. Se lançou uma cortina

sobre nossas mentes, para que não lembrássemos quem fomos, o que fizemos, em nossas anteriores existências, devemos entender, que fora para o nosso próprio bem. A condição de criaturas, não nos outorgam poderes, para questionarmos a limitação dos recursos nos concedidos pelo Criador.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 09/07/2025.

O Menino Solitário



VITAL DE SOUZA COELHO, mesmo antes de começar frequentar a escola, revelava ser uma criança diferente das outras, gostava ficar sozinho. Seu pai Sr. Custódio, nessa época, contava com apenas trinta e seis anos, trabalhava como vaqueiro, em uma grande fazenda de pecuária, incrustada às margens do Rio Grande, do lado mineiro, casado com Dona Vitória, que tinha à época trinta e três anos, tiveram cinco filhos, sendo as duas

mais velhas, meninas, Noeli e Mariela, os três mais novos, Humberto, Vital e Gabriel. Moravam em uma casa grande, mas bem simples, um pouco isolada das demais casas e da sede da fazenda, onde havia uma casa grande, num estilo mais moderno, um depósito, paiol, curral e chiqueiro, e um generoso pomar, com diversas variedades de árvores frutíferas.

Segundo os mais antigos dessa região, essa fazenda em particular, no passado quando era mata bruta, e começava ser desbravada para formação de pastagens, fora palco de uma série de crimes e acontecimentos hediondos. Nessa época pertencia ao Coronel Paulo Queiroz, pai do atual proprietário, Dr. Germano Queiroz, um conceituado advogado criminalista, que morava e trabalhava na cidade, que a recebeu como herança, a visitava praticamente todos os finais de semana. Segundo diziam, o Coronel seria o maior suspeito executar, ou mandar executar esses crimes, que nunca chegaram ser investigados pelas autoridades policiais competentes, por força do prestígio que Coronel Paulo Quei-

roz, possuía junto a essas autoridades locais, que segundo diziam, usava métodos bastante compensadores, para ignorarem esses fatos, que eram comentados abertamente, e nunca se deram ao trabalho de apurar, permitindo que esses crimes ficassem impunes, pela justiça dos homens.

Como era uma área muito grande de terras, dezenas de famílias vieram morar nessa fazenda, para derrubar a mata e plantar roças, sem nenhum vínculo empregatício com o proprietário, o Coronel Queiroz. Não obstante essa nossa história ser fictícia, hoje sabemos que essa prática, era corriqueiramente usada na maioria das grandes fazendas, e esses grandes fazendeiros conseguiam dessa forma, transformar em pastagens suas terras brutas, sem gastar muito dinheiro.

Nosso objetivo em revelar esses fatos, seria para justificar outro. Como dissemos, Sr. Custódio, morava com a família em uma casa simples afastada da sede da fazenda, no quintal dessa casa, existiam dezenas de árvores frutíferas, quase centenárias, o que fazia crer,

que fora ali a primeira sede da fazenda, que agora se chamava “Beira Rio”, nos tempos que Coronel Paulo Queiroz, era o usufrutuário, não saberíamos dizer se possuía um nome que a identificasse.

Quase todos os dias logo pela manhã, Dona Vitória, dava pela falta do filho Vital, o procurava e encontrava sentado sozinho sob essas árvores. O espreitava e percebia que conversava, e gesticulava, como se estivesse conversando e se explicando a alguma pessoa. Perguntava por que estava falando sozinho? Ele dizia que não estava falando sozinho, descrevia a pessoa com quem conversava.

Eram várias essas pessoas, mas somente ele as via. A primeira vez que a mãe o surpreendeu falando, disse que estava conversando com Sr. Tomé, um Senhor negro não muito velho, que tinha apenas uma das pernas, gostava de contar histórias para ele, dizia ser um dos moradores mais antigo daquela fazenda, depois a família dele teria se mudado, sem avisá-lo, e o deixado sozinho ali.

A segunda vez, dissera a mãe que estava conversando com Dominga, uma menina negra do tamanho de Noeli, sua irmã mais velha, segundo ele, Dominga usava um vestido muito roto e sujo, não tinha cabelos na cabeça, disse a ele que em uma noite, colocaram fogo no sapé, que cobria o barraco onde morava com sua família, lembrava de ter visto somente um enorme fogaréu, teria sido nesse incêndio que perdera seus cabelos, nunca mais viu os pais e os irmãos, estava morando sozinha em uma loca, nas pedras na beira do rio.

Depois da quarta vez que o flagrou conversando sozinho, ele dizendo que conversava com pessoas, mas essas pessoas somente ele as via, as identificavam, e as descreviam. Sr. Custódio e Dona Vitória, ficaram preocupados, o levaram a um médico, em uma cidade próxima, esse médico era Clínico Geral, submeteu-o a alguns testes de percepção, compatíveis para uma criança de sua idade, constatou-se que estava tudo normal com ele, que não havia motivos para se preocuparem, era uma criança saudável e

muito inteligente, que não saberia definir como obtinha essas visagens, mas a literatura médica explicava, tratar-se de um fenômeno raro, que aparecia mais comumente em crianças, geralmente desapareceria com a idade.

Vital continuou mantendo seus contatos, com esses seres invisíveis, Sr. Tomé era o que mais comparecia, e se tornaram grandes amigos, tentava reproduzir aos irmãos as histórias que ouvia dele, como era uma criança de menos de sete anos, não conseguia lembrar-se de todos os detalhes das histórias, os irmãos diziam que não conseguiam entender o sentido daquilo que estava tentando falar, que ele só poderia estar inventando o que falava, ficava nervoso e começava chorar.

No início do ano seguinte, começou levantar-se cedo para ir à escola, acompanhado dos irmãos, Humberto e Mariela. No ambiente escolar, uma pequena escola rural, nunca aconteceu de ver ou ouvir nada, nem tão pouco revelara aos colegas ou a professora, essa sua relação com essas pessoas. Quando chegava da escola almoçava rapidamente, e ia se sen-

tar sozinho à sombra do pé de jaqueira, ou das mangueiras, ficava esperando por horas, como não aparecia ninguém, voltava triste à casa, e não dizia nada a ninguém, às vezes chorava pela ausência desses seus amigos. Como previu o médico, Vital deixou de ver e ouvi-los, e acabou por não mais esperá-los. Mas continuou sendo por opção, o mesmo menino solitário. Depois que terminou o curso primário, aprendeu cavalgar, começou ajudar o pai na lida do gado, e tornou-se um ajudante de vaqueiro, assim como seu irmão mais velho Humberto já fazia.

Enquanto os irmãos, e os meninos da fazenda entretinham jogando bola, caçando ou pescando, quando estavam de folga, Vital ficava em casa lendo livros, que Dr. Germano Queiroz, esporadicamente trazia, da cidade onde morava com sua família, e dava a ele, por que sabia que gostava de ler, nesses momentos de folga. Aos dezesseis anos, pediu pessoalmente ao patrão de seu pai, que trouxesse para ele livros espíritas, mas que não dissesse nada a seus pais, que ele os pagaria com seu próprio dinheiro. Dr. Germano que era um homem

cético e até preconceituoso, em questões religiosas, disse que não poderia atender seu pedido, que apesar de não conhecer nada sobre esse assunto, o que se ouvia dizer sobre espiritismo, não era aconselhável para um jovem em sua idade, que procurasse se informar melhor, certamente descobriria que ele estava certo. Esse também era o pensamento dos pais, não queria mais vê-lo conversando, supostamente com seres invisíveis.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 07/06/2025.

A Nobre Vocação de Vital



VITAL FICOU POR UNS TEMPOS chateado com Dr. Germano, em não querer prestar esse favor, encontrou um anúncio em uma revista, de uma editora de livros, escreveu uma carta solicitando os cinco livros da codificação espírita, e os receberam através dos correios, na cidadezinha próxima, pelo reembolso postal. Chegou em casa com os livros, escondeu quatro deles, encapou o Livro dos Espíritos, para camuflá-lo, para que não percebessem, começou estudá-lo sistematicamente, em suas horas de folga,

e nos finais de semana. Apesar de não mais ter tido contato, com aqueles seus amigos, que somente ele conseguia ver, nunca os esqueceram, principalmente Sr. Tomé, o negro que só tinha uma das pernas, e lhe contava histórias que tanto gostava. Agora seu grande desejo, conhecer uma Casa Espírita, enquanto isso não acontecia, às escondidas continuava estudando. Os pais e os irmãos eram as pessoas mais diretamente ligados a ele, percebiam que não gostava de conversar, voltou isolar-se como quando criança. Agora não mais conversava, nem gesticulava, apenas fechava os olhos, e parecia divagar, onde estava e o que via, somente ele saberia dizer, mas não dizia. A mãe perguntava se havia voltado ver, não respondia, apenas balançava a cabeça, fazendo entender que não.

Assim que completou dezoito anos, suas duas irmãs, por esses tempos já haviam casados, com rapazes ali mesmo da região. Conversou com os pais, revelou seu desejo, mudar-se para uma cidade, conseguir um trabalho, e levar a vida da maneira como gostaria. A princípio os pais não aprovaram, mas Dona Vitória percebia que o filho não era feliz ali,

convenceu o marido atender o desejo dele. Sr. Custódio e a esposa, o chamaram para uma conversa, disseram que haviam reavaliado seu pedido, e decidiram mudar de ideia, fizeram a ele uma série de recomendações, deu a ele uma parte de suas economias, para auxiliá-lo naquele recomeço, permitiram que fosse procurar o que desejava.

Vital muito feliz, agradeceu aos pais, disse que assim que pudesse, os devolveriam aquele valor, que não se preocupassem, que os manteriam informados sobre sua vida, e quando surgisse uma oportunidade, voltaria para revê-los. Colocou suas poucas roupas em uma mala, aproveitou carona na camioneta de Dr. Germano, despediu-se dos pais e dos irmãos, com lágrimas nos olhos, os deixaram também chorando, pegou sua mala colocou-a na caçamba, entrou na cabine com ele, e foram embora.

Até essa idade, Vital havia aprendido realizar os trabalhos de fazenda, qualquer trabalho que arrumasse na cidade, seria novidade para ele, como era muito inteligente, e desde muito jovem havia pegado gosto pela leitura, não somente conteúdos espíritas, mas lia tudo que achava in-

interessante, apesar de não gostar muito conversar, quando era necessário, tinha enorme facilidade expressar-se, usando as palavras devidas, as conjugações verbais corretas, em concordâncias com as regras de nossa gramática. Não obstante ter cursado até o quarto ano primário, conversando com ele, ninguém diria que fora nascido e crescido em uma fazenda, lidando com gado e consertando cercas, com o pai e o irmão.

Chegando à casa de Dr. Germano, foi convidado por ele e a esposa Dona Virginia, que ficasse em sua casa, até conseguir um local para morar. Vital agradeceu aos dois, disse que pretendia ir para outra cidade, sem mencionar que cidade seria, nem a verdadeira razão, sabia que ele não aprovaria, disse que tinha informações que lá, havia mais ofertas de trabalhos. Despediu-se dos dois, e foi para a rodoviária, pegar o ônibus, que o levasse até lá. Durante o percurso ia imaginando, como seria sua vida agora, sem a presença da mãe, que fazia tudo por ele, mas com fé em Deus haveria de superar as dificuldades, logo se acostumaria.

O ônibus chegou à cidade ao anoitecer, Vital procurou um hotel simples, ali próximo à rodoviária, pernitoou, no outro dia pela manhã, tomou um reforçado café da manhã, depois resolveu conhecer a Casa Espírita, que o havia atraído para essa localidade. Lá chegando foi recebido por um Senhor sexagenário, que se chamava Sr. Frederico, que o acolheu muito bem, disse ser um dos dirigentes daquela Casa, o convidou ir até sua sala, sentaram-se, Vital fez uma explanação dos acontecimentos ocorridos em sua infância, quando conversava com pessoas que somente ele conseguia ver, depois do desaparecimento deles, deixando um vazio em sua vida, por que gostava de conversar com eles. Aos dezesseis anos, adquiriu os cinco Livros da codificação da Doutrina Espírita, e passou estudá-los nesses dois últimos anos, e já havia lido todos, por mais de uma vez, sem compreendê-los devidamente, ao invés de proporcionar paz ao seu espírito, o fez compreender que necessitada esclarecer-se ainda mais, para reencontrar seus velhos amigos invisíveis, para ajudá-los compreenderem suas reais situações, com os conhecimentos que haveria de adquirir.

Quando terminou de explicar, Sr. Frederico sorriu com benevolência, disse a ele: – Quando era criança sua mediunidade se encontrava aflorada plenamente, depois recolheu-se espontaneamente, agora a quer de volta. Só pelo fato de desejá-la novamente, significa que com alguma ajuda logo a terá de volta, e aqui é o local apropriado para ajudá-lo. Agora quero lhe mostrar o trabalho beneficente que realizamos aqui.

Levantaram-se e saíram da sala, no fundo do prédio onde era a Casa Espírita, que era composto de algumas salas e um auditório, relativamente espaçoso. Nos fundos existiam dois pavilhões distintos, um destinado abrigar pessoas de idade, que eram encontradas abandonadas nas ruas, eram acolhidas e conduzidas até lá, onde recebiam tratamentos elementares, como refeições básicas, banhos todos os dias, roupas limpas, quarto individual, com cama para dormir e cobertor quente. Esses internos a cada quinze dias, passavam por avaliação médica, se fosse necessário seriam medicados, durante o dia se entretinham conversando entre eles, jogando cartas ou vendo televisão. O pavilhão era

composto de doze quartos, naquele momento apenas cinco deles estavam ocupados.

No outro pavilhão idêntico ao primeiro, destinava-se abrigar crianças encontradas nas ruas, ou trazidas até ali pelas mães, para ficarem temporariamente por alguma razão, à exemplo do outro pavilhão, todas as crianças eram devidamente assistidas e cuidadas, os maiores frequentavam a escola pública, todas eram submetidas quinzenalmente à avaliação de médicos da rede pública de saúde. Naquele momento havia apenas três crianças ali residindo, mas havia acontecido de terem sob seus cuidados até vinte crianças.

Todas as despesas, exceto os relativos à saúde, eram cobertas com donativos do setor privado, pessoas físicas, comerciantes, empresários, produtores rurais, e principalmente os voluntários que respondiam pela administração, pelos serviços, e o bom andamento dos trabalhos.

Vital sentou-se em um banco de concreto, próximo aos pavilhões, abaixou a cabeça ficou pensando, depois perguntou ao Sr. Frederico:

– Como uma pessoa como eu, que não possuo praticamente nada, poderia participar desse trabalho, e receber ajuda que necessito, para readquirir minha mediunidade?

— Você estaria disposto abdicar de sua vida particular, de seu tempo, para colaborar em nossa obra, como voluntário?

— Se me aceitarem, estou.

Sr. Frederico aproximou-se dele, Vital levantou-se, ele o abraçou e disse: – Como poderíamos recusar uma oferta dessas, se estiver mesmo disposto colaborar em nossa modesta obra, aqui terá casa e comida, e tudo mais que precisar, desde que não envolva despesas financeiras, todos que aqui trabalham, ninguém recebe salário. Volte aqui as sete horas da noite, pode trazer suas coisas, o presidente da Casa, estará aqui então poderemos consolidar tudo aquilo que lhe disse. Não obstante ser seu assessor direto, não gosto de assumir compromissos sem que também participe, seu nome é Sr. Carolino, sei que vai gostar muito dele, é o espírito mais nobre que conheço.

Sr. Frederico o convidou para conhecer o restante das instalações, o levou para conhecer, aquele que seria seu futuro quarto, espécie de suíte, com cama e guarda-roupas, como se estivesse esperando por ele. Agradeceu Sr. Frederico, perguntou se naquela noite haveria algum trabalho na Casa, respondeu que todas as noites tinham atividades na Casa, menos aos domingos, que quando saíssem passariam em sua sala, e entregaria um panfleto, onde constava o que seria realizado cada noite. Vital ficou admirado com tudo que viu e ouviu, era exatamente um lugar assim que gostaria morar, trabalhar e estudar.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 10/06/2025.



Vital, Admitido como Voluntário



DESPEDIU-SE DE SR. FREDERICO, dizendo que voltaria à noite, foi caminhando sem pressa, pelas ruas em direção à rodoviária, onde próximo se localizava o hotel, chegou à recepção, como havia pago adiantado a diária, pediu as chaves, que iria retirar suas coisas, que estava encerrando sua estadia, logo voltou com sua mala, devolveu as chaves, como estava na hora do almoço, foi até um restaurante, almoçou, depois foi caminhando até a praça central da

cidade, bem arborizada, e ornamentada com canteiros, bem cuidados, de diversas variedades de flores, na parte central erguia imponente Igreja Católica, sua fachada frontal, era trabalhada em estilo barroco, sentou-se em um banco sob à sombra, para quem não tinha o que fazer, um excelente local para se fazer uma leitura, para que o tempo passasse mais rapidamente, não via a hora de retornar a Casa Espírita, conhecer Sr. Carolino, e ouvir sua opinião, se o aceitaria ou não, segundo Sr. Frederico, se tratava de um espírito nobre, não especificamente no sentido monárquico da palavra, que encerra pompa e ostentação, mas de nobreza em virtudes, forjada nos ensinamentos de Jesus Cristo, simplicidade e humildade.

Abriu o fecho da mala, retirou aleatoriamente um dos livros, exatamente o Evangelho Segundo o Espiritismo, abriu o Livro ao acaso, no Capítulo IX, “Bem aventurados os que são brandos e pacíficos”, em instruções dos espíritos, onde o Espírito, se identifica como: Um Espírito amigo, cujo teor do texto falava sobre a “Paciência”, depois de ler, entendeu perfeitamente que aquela mensagem fora

dirigida justamente para ele, que teria que esperar, aquele restante de dia, para somente no final da tarde ir até a Casa Espírita. Ficou meditando, e se perguntando: Como pode mensagens tão esclarecedoras, serem completamente desconhecidas, pela maioria das pessoas? Inclusive por sofrendores, que imaginam que para seus tormentos, não existem paliativos ou consolações.

Como essa decisão é de competência exclusivamente a cada pessoa, não os censurariam por isso. Em seu caso particularmente, interessou-se pelo espiritismo, devido aqueles seus contatos com espíritos, quando criança, talvez se não os tivessem conhecidos, nem saberia que isso fosse possível, e seria também incrédulo, assim como Dr. Germano, seus pais e seus irmãos.

Vital continuou lendo entretido, quando percebeu estava no Capítulo XV, olhou seu relógio, passavam das seis horas da tarde, fechou o livro, recolocou-o na mala, e saiu em direção a Casa Espírita, quando chegou foi atendido por uma Senhora, se apresentou, soube que se chamava Dona Célia, procurou por Sr. Frederico, disse que ele somen-

te trabalhava ali durante o dia, então explicou a ela que estivera ali pela manhã, e ficou combinado que se encontrariam as sete horas da noite, inclusive com Sr. Carolino. Então ela disse: – Se disse que estariam aqui, pode entrar, guardar sua mala, que logo os dois devem estar chegando, sente-se por favor, e os aguardem.

Não demorou muito, chegou um Senhor grisalho, deveria ter a mesma idade de Sr. Frederico, o cumprimentou, Vital se apresentou, e conheceu o presidente da Casa, Sr. Carolino Almeida, explicou que estivera ali pela manhã, conheceu Sr. Frederico, e disse o que haviam combinado, o Senhor o cumprimentou novamente, disse para que pegasse sua mala, que o levaria até seu quarto. No trajeto Vital perguntou: – Isso quer dizer, que o Senhor concorda que fique morando aqui para ajudá-los?

— Frederico não poderá vir aqui nesta noite, passou à tarde em minha casa e falou sobre você, decidimos que poderá ficar, amanhã de manhã ele estará aqui para instruí-lo. Você não está com fome?

— Não, gostaria somente tomar banho, depois assistir a palestra as oito horas.

— Ainda está cedo, tome seu banho, passe na cozinha, coma alguma coisa, depois vá assistir a palestra, agora você já é um membro de nossa Casa.

— Obrigado Sr. Carolino, vou fazer o que disse. O Senhor vai assistir a palestra?

— Vou sim.

Quando entrou no auditório, onde se realizaria a palestra, ao passar próximo onde estava sentado Sr. Carolino, fez um sinal para que se sentasse, na cadeira desocupada ao seu lado, para Vital aquele fora um gesto de consideração, para com uma pessoa insignificante como ele, que viera confirmar o que antecipara Sr. Frederico: “Sr. Carolino, era um homem de espírito muito nobre”.

Vital ficou embevecido com a qualidade da palestra que ouviu. O orador, um rapaz ainda jovem, com calma e simplicidade, conseguia se expressar, usando palavras simples, de maneira que todos entendiam, o teor e o objetivo da mensagem. Que o fez pensar, que um dia no futuro, quem sabe, poderia vir ocupar aquele espaço, e revelar que quando criança, antes de frequentar a escola, conversava com espíritos, depois perdera esses contatos, e co-

meçara estudar sozinho, as escondidas, as obras básicas da Doutrina Espírita, e agora aos dezoito anos, sentia enorme necessidade em aprofundar seus conhecimentos, e quem sabe recuperar sua mediunidade, para ajudar espíritos sofredores.

Terminada a palestra, despediu-se de Sr. Carolino, foi para seu quarto, deitou-se na cama confortável, ficou pensando e agradecendo a Deus, e a espiritualidade, que tudo estava dando certo, na próxima noite escreveria uma carta para sua família para tranquilizá-los, e dizer para não se preocuparem, que estava tudo bem com ele, só não o faria naquela hora, por estar cansado, passara praticamente o dia todo, sentado em um banco de concreto da praça.

Na manhã quando Sr. Frederico chegou, Vital já havia tomado o café da manhã, e o esperava. Depois de apresentá-lo aos cinco idosos, que ocupavam um dos pavilhões, o encarregou de ficar por conta desse trabalho, dar assistência em tudo que necessitassem, dois deles necessitavam de cuidados especiais, precisavam ser ajudados para levantar-se, caminhar e voltar sentar-se, três deles conseguiam

sozinhos realizarem essas atividades. Todos simpatizaram muito com ele, principalmente quando prometeu, que depois do almoço, iria ler algumas passagens do Evangelho, para que ouvissem.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 11/06/2025.



Uma Singela Palestra



LÁ NA FAZENDA BEIRA RIO, SR. Custódio e Dona Vitória imaginavam, que o filho Vital, gostaria mudar-se para cidade, para arrumar um emprego, recomeçar estudar, e frequentar uma Casa Espírita. Quando receberam sua primeira carta, Vital revelara aos pais que estava trabalhando em uma Instituição Espírita como voluntário, em troca recebera um excelente quarto, onde morava sozinho, fazia lá mesmo suas refeições, e à noite participaria dos eventos da Casa, e em breve começaria participar

de um curso para desenvolvimento de mediunidade, era muito bem tratado pelos dirigentes e colegas de trabalho, e estava muito feliz. Quando leu a carta, Dona Vitória achou estranho, até pensou em não revelar ao marido, mas mudou de ideia, deu a carta do filho para que ele a lesse.

Sr. Custódio não gostou do que ficou sabendo, mas a esposa o convenceu que Vital era diferente dos outros quatro filhos, não pensava ganhar dinheiro, constituir família, ter filhos como os demais. Era inteligente, e somente ele saberia, como preferia viver sua vida, que o melhor que tinham a fazer, era não interferirem, se Deus o havia feito assim, deveria ter Seus propósitos, dissera na carta que estava muito feliz, era isso que importava.

Dissemos que quando Vital morava com a família, não gostava de conversar, preferia ficar sozinho, sempre lendo ou estudando, mas de vez em quando aproximava da mãe e fazia algumas confidências, então a mãe o compreendia melhor que ninguém, e para ela era o filho especial, sensível, caso os pais o proibissem de levar adiante aque-

le seu projeto, certamente para não os contrariar desistiria, mas voltaria ser infeliz como percebia que era ali, morando com eles, isolado em uma fazenda. Dona Vitória apesar de ser uma mulher simples, quase sem instrução, possuía sabedoria de vida, conseguia entender e aceitar as particularidades das pessoas.

E o tempo passava rápido, faziam dois meses que Vital havia chegado a Casa Espírita, nesse curto espaço de tempo, revelou-se muito eficiente, além de executar sua função, inteirou-se de tudo, conhecia todos os problemas da Instituição, conversava com os colegas insatisfeitos, mediava a solução de suas dificuldades, e sempre devolvia a paz de espírito a essas pessoas, tornara-se uma espécie de referência, tinha o poder de corrigir tempestivamente, aquilo que poderia vir se transformar em um grande problema futuro. Sr. Frederico e Sr. Carolino estavam muito satisfeitos com seu desempenho, e o tinha em elevada consideração. Tanto que sua presença nas reuniões, tornara-se imprescindível, seu parecer era sempre considerado e acatado por todos.

Vital a algum tempo, durante à noite, no silêncio de seu quarto, sem dizer nada a ninguém, vinha preparando aquela palestra que intencionava fazer, justificando por que se tornara espírita, e como havia chegado aquela abençoada Casa, e os frutos que havia colhido, naquele curto espaço de tempo, por estar contribuindo com o trabalho daquela Instituição, e sentia que estava recebendo mais do que estava doando, por sentir-se feliz como nunca estivera.

E a oportunidade aparecera. Há algum tempo vinha sendo anunciada a palestra, de respeitado e conceituado, orador e conhecedor da Doutrina Espírita, que morava em uma outra cidade, não tão próxima, em um telefonema de última hora, pedia desculpas, avisava que por motivo de força maior, não poderia comparecer naquela noite, que fosse transferida para próxima semana sua palestra. Sr. Carolino ficou apavorado, como avisar em cima da hora os frequentadores, que o palestrante tão esperado não compareceria.

Vital que estava ao seu lado, disse: – Se o Senhor não fizer objeção, eu gostaria de fazer essa palestra.

Sr. Carolino apesar de tê-lo em elevada consideração, achou que estivesse brincando, perguntou se seria capaz. Respondeu: – Gostaria tentar.

— Mesmo de improviso, sabendo que o auditório estará cheio. Você saberia o que dizer?

— Acho que sim.

Sr. Carolino ficou pensativo, depois falou: – Não precisará fazer isso se não quiser, eu posso ler uma mensagem do Evangelho e comentar, o fato de um orador não poder comparecer é perfeitamente compreensível. Agora se tiver convicção que pode realizar a palestra, você será o palestrante da noite.

— Como disse ao Senhor, gostaria tentar.

— Qualquer coisa estarei lá, ao seu lado.

Vital foi para seu quarto, passou os olhos sobre seus escritos, vestiu sua melhor roupa, fez uma prece a espiritualidade, pedindo para não ficar nervoso, e não esquecer o que pretendia dizer, faltando cinco minutos para o início da palestra, foi para o auditório. O espaço do auditório estava completamente tomado, muitas pessoas estavam de pé, encostados às paredes. Assim que chegou o horário, Sr. Caro-

lino foi à frente, primeiro fez uma linda prece de abertura, depois disse:

— Infelizmente o palestrante anunciado para essa noite, por motivos de força maior, não pode comparecer, adiou sua preleção para próxima semana. Nosso companheiro, e servidor voluntário dessa Casa, Vital de Souza Coelho, que está conosco a pouco mais de dois meses, que muitos de vocês já o conhecem, prontificou substituí-lo, peço a compreensão e colaboração de todos, obrigado.

Vital foi até à frente, cumprimentou a todos, apresentou-se, depois disse: – Em quase todas as palestras, os oradores elegem assuntos pertinentes a Doutrina Espírita, para fazerem suas preleções, revelam suas interpretações, e fazem suas ponderações sobre aquele assunto. Como não sou palestrante, e essa é a primeira vez que falo para um público, decidi falar sobre minha vida, que a conheço muito bem, e ela tem muito a ver com a Doutrina Espírita, ou não estaria aqui.

Por uma hora, Vital discorreu calmamente e cadenciadamente, sobre os últimos treze anos de sua atual existência, de quando era ainda uma crian-

ça. E começou ter contato com espíritos, depois a perda da mediunidade, dos estudos que realizou sozinho, de sua vida solitária na fazenda onde o pai trabalhava, a decisão de vir para cidade, e o feliz acolhimento recebido naquela Instituição Espírita, e a necessidade que sentia em revelar, o quanto havia progredido, em entendimento, desde que passou compreender os ensinamentos da Doutrina Espírita.

A plateia ouvia concentrada, e interessada em cada palavra que dizia, para a maioria dos presentes, ele conseguiu fazer transparecer, o significado da presença da Doutrina Espírita em sua vida. Se ele não tivesse contado sua história em detalhes, ninguém diria que até pouco mais dois meses, era um rapaz da roça, um matuto como se costuma dizer, nunca havia deixado a casa paterna na fazenda. Aquele rapaz de apenas dezoito anos, graças aos ensinamentos dos espíritos, havia adquirido visão dimensional do significado do que representa, aproveitar bem o tempo da oportunidade de uma existência. Aquela singela palestra, não havia somente revelado seu passado, mas sua coragem e

potencial. E a certeza de que em seu futuro, haveria de produzir muitos frutos.

Assim que terminou a palestra, as pessoas foram deixando lentamente o auditório, era perceptível a satisfação de todos, e muitos vieram cumprimentá-lo, entre esses Sr. Frederico e sua esposa Dona Márcia, e Sr. Carolino, que estava desacompanhado da esposa, brincou dizendo: – Você resolveu mais um problema de nossa Casa, sempre que faltar um palestrante, será o substituto titular.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 12/06/2025.

Um Domingo Muito Feliz



PARA VITAL, AQUELA PALESTRA foi como um desabafo, revelar coisas de sua vida, que ele particularmente não entendia por que aconteceu. Sua mãe sempre repetia a ele, o que ouviram do médico que o levaram quando criança. Que aquele fenômeno era raro, mas de fato acontecia, e poderia desaparecer com a idade. Em verdade Vital gostava de realizar aqueles contatos, era como fugir da realidade, por

tempo que não saberia dizer quanto, como se estivesse sonhando, entrava em uma outra realidade, ou seria outra dimensão, sua mente ficava como entorpecida, perdia noção de si mesmo, e só voltava ser ele mesmo, quando desapareciam. Mas era tão criança, que nem desconfiava que aqueles seres, eram espíritos, só mais tarde viria saber, mas eles não apareciam mais, deixando uma espécie de vazio em sua vida.

Vital havia lido por diversas vezes, que não se deveria evocar espíritos. Seu desejo em contatar era tanto, que por mais de uma vez, sozinho em seu quarto, pôs-se em oração, depois mentalizava Sr. Tomé, o chamara diversas vezes, sentia arrepios, percebia sua presença, mas não conseguia ver, nem ouvir nada. O curso que estava fazendo, era apenas um dia na semana, estavam ainda na fase das teorias, as aulas práticas ainda demorariam iniciarem, geralmente nem todos os participantes obteriam êxitos, só no decorrer do tempo os resultados começariam aparecerem, para aqueles que nada conseguiam, haveriam de conformarem-se com os conhecimentos que adquiriam.

Dona Célia era uma Senhora que três dias na semana, comparecia a Casa Espírita na parte da tarde, para prestar seus serviços voluntariamente, cuidava mais da limpeza dos cômodos do prédio da frente, onde funcionava a Casa Espírita, composta de algumas salas, e o auditório espaçoso, não se envolvia nos trabalhos de limpeza nos pavilhões. Vital percebeu que duas de suas filhas, às vezes quando saíam da escola à tarde, passavam lá para irem para casa com mãe, sentavam-se e enquanto esperavam, ficavam foleando seus cadernos, a mais velha que já era uma mocinha de dezesseis anos, que se chamava Débora, muito bonita e simpática, costumava ajudar a mãe terminar seu trabalho.

Aos dezoito anos Vital nunca havia se interessado por nenhuma menina, sempre que cruzava, ou passava por ela, a olhava nos olhos e a cumprimentava, invariavelmente ela retribuía o cumprimento e sorria para ele. Aqueles olhares e aqueles sorrisos, foram abalando as estruturas emocionais de Vital, que quando a via, não resistia e passava por ela, só para cumprimentá-la,

por que sabia que lhe renderia um lindo sorriso. Como já havia conquistado a amizade de Dona Célia, resolveu conversar com ela, e bisbilhotar sua vida, interessado em sua filha.

Dona Célia havia praticamente terminado seu trabalho, Vital se aproximou dela e perguntou: – Hoje suas filhas não vêm buscá-la?

— Hoje não teve aula, estão em casa.

— Em que lugar a Senhora mora?

— No Don Bosco, conhece? – Não, para dizer a verdade, não conheço quase nada da cidade, de quando estou morando aqui, fui duas ou três vezes ao centro. Fica longe esse bairro Don Bosco?

— Uns dez minutos daqui, andando rápido, vai qualquer dia passear lá em casa. Eu lhe dou o endereço.

— Só se for no domingo, pode ser depois do almoço?

— Porque não vai almoçar lá em casa com a gente, nesse domingo?

— O marido da Senhora não vai achar ruim?
– Que marido? Meu ex-marido, pai de minhas

filhas, abandonou-nos a mais de dez anos, criei minhas duas filhas, Débora e Romilda, praticamente sozinha, sou muito grata a essa Casa Espírita, que sempre me ajudou, pode ir tranquilo, sou o pai e mãe de minhas duas filhas.

— Vejo que a Senhora é uma mulher de valor. Então fica combinado, a Senhora me dá o endereço, estarei lá no domingo, as dez horas, pode ser?

— Pode sim, eu e as meninas ficaremos felizes.

Dona Célia pediu que anotasse seu endereço, ele providenciou rapidamente papel e caneta, anotou o nome da rua e o número, a agradeceu, despediu-se e foi para seu quarto. Começou fazer conjecturas: Agora restava encontrar o momento oportuno perfeito, conversar com Débora, se ela aceitasse, estava disposto começar namorá-la, como dissemos, era muito bonita, e parecia ser uma boa menina, simples e honesta. O problema seria querer namorar uma pessoa como ele, poderia considerá-lo como se fosse um desempregado, apesar de trabalhar na Casa Espírita, assim como a mãe, não recebiam salário, nem possuíam nenhum

vínculo empregatício. Mas se ela o aceitasse, poderia repensar sua vida, arrumar um outro trabalho, que fosse remunerado, e continuar frequentando a Casa Espírita normalmente. Mas não adiantava nada fazer planos, poderia estar fantasiando, uma situação que não aconteceria. Domingo saberia o que ela pensava, Dona Célia não haveria de se impor, a decisão da filha.

Como estava chegando o final da semana, Vital não viu mais Dona Célia, mas não poderia negar que estava muito ansioso e inseguro, talvez nem tivesse coragem de falar com Débora, sobre namoro, mas certamente depois se arrependeria. Vital tinha folga aos domingos, um outro voluntário o substituíra. No domingo levantou-se no horário de sempre, foi até a cozinha, tomou seu café da manhã, avisou que naquele dia almoçaria fora. Voltou ao seu quarto, deitou-se e ficou pensando, a melhor maneira como se declarar a Débora, como o tempo não passava, pegou o livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o abriu aleatoriamente, no Capítulo XVI, “Não se pode servir a Deus e a Mamom”, leu todo o Capítulo.

Chegou à conclusão: Devemos amar a Deus sobre todas as coisas, mas necessitamos dos bens da terra para sobrevivermos, que é perfeitamente possível conciliar, nossas obrigações aqui do plano físico, sem prejuízo com nossas atribuições, perante as coisas de Deus. A Lei do Trabalho, é uma das dez Leis Divinas, que proporciona as condições de sobrevivência, e os meios de desenvolver nossa inteligência.

Quando o relógio acusou que passavam das nove horas, vestiu sua melhor roupa, de posse do endereço, deixou a Casa Espírita, saiu em direção ao bairro Don Bosco, encontrou a rua, seguiu a numeração, as dez horas em ponto chegou ao número informado, bateu palmas, Dona Célia abriu a porta da frente, veio abrir o portão, o cumprimentou, e pediu que entrasse. Não obstante tratar-se de uma casa modesta, estava muito limpa e arejada, apareceram Débora e Romilda e o cumprimentaram, Dona Célia pediu que se sentasse, ao tempo que perguntava se fora fácil localizar a rua, ele sentou-se, e respondeu que sim. Ela pediu as filhas que o fizessem

companhia, que iria dar um pulo na cozinha, e saiu.

Débora perguntou: – Até que série, você estudou?

Vital não entendeu a intensão da pergunta, respondeu: – Cursei apenas até a quarta série primária, morávamos na fazenda, não pude continuar os estudos. E vocês que série estão cursando?

Débora respondeu: – Estou no segundo ano colegial, Romilda na oitava série.

Romilda perguntou: – Seus pais continuam morando na fazenda?

— Continuam, meu pai e meus dois irmãos trabalham cuidando do gado da fazenda, antes de vir morar aqui, eu os ajudava.

Romilda queria saber mais, perguntou: – Que idade têm seus irmãos, e como se chamam?

— Bom, a verdade tenho quatro irmãos, duas irmãs, são as mais velhas, são casadas, porém nenhuma delas ainda tem filhos, uma se chama Noeli a outra Mariela, meus dois ir-

mãos, o Humberto tem vinte anos, o caçula Gabriel tem dezesseis anos.

Débora olhando em seus olhos, perguntou:
– Qual o nome de seus pais?

Vital deu um sorriso, e disse: -Meu pai se chama Sr. Custódio e minha mãe Dona Vitória.

Débora perguntou: – Você não sente saudades deles, morando aqui sozinho, longe deles?

— Sinto, mas não estou sozinho, lá me sentia mais solitário, aqui tenho muitos amigos, com quem posso conversar o tempo todo. Apesar da saudade, estou muito feliz aqui.

Romilda era mesmo curiosa, perguntou sorrindo: – Você deixou alguma namorada, lá onde morava com seus pais?

Vital deu uma boa risada, disse: – Você quer saber tudo mesmo, vou contar um segredo, nunca tinha me interessado por ninguém, somente agora, comecei gostar de uma pessoa de verdade.

Débora olhou-o nos olhos, perguntou: – Você conheceu essa pessoa lá na Casa Espírita?

— Apesar dessa pessoa, não frequentar a Casa Espírita, foi lá que a conheci.

Nisso Dona Célia entrou na sala, e disse: – A conversa de vocês parece estar muito boa, o que estavam conversando?

Vital disse: – Romilda perguntou tudo sobre minha vida, mas não disse nada sobre a sua.

— Continuem conversando, estou terminando de preparar o almoço, depois quero saber o que conversaram.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 14/06/2025.

O Primeiro Amor



VITAL PERCEBEU QUE DÉBORA ficou diferente, quando disse que estava gostando de verdade, de uma pessoa, assim que a mãe voltou para cozinha, ela perguntou: – Qual é o nome dessa pessoa, que está gostando, talvez a conheçamos.

— Tenho certeza de que vocês a conhecem, mas ainda não sei, se ela sente o mesmo por mim, assim que descobrir eu falo seu nome.

Romilda desconfiada disse a ele: – Se me disser seu nome, talvez possa ajudar descobrir, se ela também gosta de você.

— Se você prometer me ajudar, depois vou te dizer de quem se trata.

— Eu prometo, e não digo a ninguém.

Aquela conversa entre ele e a irmã, fez com que Débora, ficasse pensando coisas, por isso a tinha deixado fora da investigação. Passavam das onze horas, quando Dona Célia reapareceu na sala, anunciando que o almoço estava sobre a mesa. As duas se levantaram, e o chamaram para almoçar. Os quatro se sentaram em volta à mesa, Dona Célia justificou-se, dizendo que o almoço era bem simples, que na próxima vez faria coisa melhor.

Vital disse que aos domingos, lá na cozinha da Casa Espírita, o almoço era bem simples também, e saía quase uma hora da tarde. Depois do almoço, que estava muito bom, Vital e Romilda voltaram para sala, enquanto Débora ficou na cozinha ajudando a mãe. Romilda aproveitou, a ausência da irmã e perguntou: — Me diz o nome da pessoa que está gostando?

— Para que você quer saber?

— Para poder ajudá-lo.

— Estou gostando de sua irmã, a Débora, mas não diz nada para sua mãe, você prometeu.

— E se eu disser que Débora também gosta de você, e mamãe já está desconfiada.

— Como, se eu não disse nada a ela?

— Débora não sabe guardar segredos, sem me dizer nada, eu já desconfiava, a maneira como fala de você, não foi difícil mamãe desconfiar. Mas acho que mamãe não vai se importar, ou não o teria convidado para vir a nossa casa.

— Então a melhor coisa a fazer, é falar logo para as duas.

Romilda tinha apenas quatorze anos, mas era muito esperta e inteligente, e facilitou as coisas para Vital. Assim que Débora retornou à sala, a irmã lhe disse: – Já descobri o nome da pessoa que Vital está gostando.

— E quem é essa pessoa?

— É você, o que vai dizer a ele?

— Que ficaria mais feliz, se ele mesmo me dissesse.

Nesse momento Dona Célia entrava na sala, e ouviu sem entender o que Débora havia dito. Então Vital se explicou, nesses termos: – Dona Célia fiquei muito feliz a Senhora ter me convidado para

vir almoçar em sua casa. O que queria que a Senhora soubesse, que a partir do momento que conheci Débora, lá na Casa Espírita, comecei gostar muito dela, queria saber se a Senhora não se importa, que eu venha aqui em sua casa aos domingos para vê-la?

— Se é isso que vocês querem, de minha parte, não tenho nada contra.

Vital perguntou a Débora: – O que você achou da ideia, de vir vê-la aos domingos?

— Como mamãe não se importa, pode vir, mas na parte da tarde.

Depois dessa declaração, Vital sentiu mais aliviado, e mais à vontade, continuou conversando com as três na sala, por mais de uma hora, percebeu que Dona Célia, nem Romilda os deixariam sozinhos, pretendia dizer algumas coisas em particular, para sua agora namorada, como percebeu que não permitiriam, então decidiu voltar para Casa Espírita, agradeceu pelo almoço, e pela acolhida que teve, despediu-se de todas, prometendo que voltaria no próximo domingo à tarde, como sugeriu a futura namorada, que pareceu-lhe ter ficado feliz com o desfecho de sua visita.

Não obstante os conhecimentos que Vital, havia amalhado no curso de sua experiência como espírita, o fato de não ter readquirido sua condição de mediunidade, de certa maneira o havia frustrado e desestimulado. Sr. Frederico e Sr. Carolino, eram espíritos convictos, que conheceram a Doutrina Espírita a muito tempo atrás, passaram estudá-la e frequentar a Casa Espírita. Analisando suas vidas, nenhum deles era médium, ambos tinham seus empregos, constituíram suas famílias, tinham suas casas, pagavam suas contas, eram considerados por todos, como exemplos de homens de bem, não pelo fato de serem espíritos, mas por demonstrarem ao longo de suas vidas, retidões em suas condutas. Tanto que foram considerados aptos dirigem aquela Instituição Espírita.

Vital estava apaixonado por Débora, estavam namorando a dois meses, sentia necessidade reavaliar sua condição, Débora não era apenas uma simples namorada, ele a amava de verdade, não imaginava sua vida sem sua presença. Decidiu falar com Sr. Carolino, explicar sua posição. Pretendia no futuro, assumir responsabilidades, para isso precisava arrumar um emprego remunerado, poderia

continuar colaborando nos trabalhos da Casa, mas precisava pensar também em sua vida pessoal, assim como ele, constituir também sua família.

Sr. Carolino considerou perfeitamente louvável suas intenções, todas as pessoas têm o direito de conduzirem suas vidas como desejarem, prontificou-se em ajudá-lo encontrar um bom emprego, tinha muitos amigos empresários, enquanto não conseguisse algo concreto, poderia continuar ocupando seu quarto normalmente. Concedeu-lhe uma parte da tarde, para que saísse a procura do emprego que desejava, redigiu uma carta de apresentação, atestando que se tratava de pessoa sua conhecida, era correta e responsável, apesar de sua pouca escolaridade, não ter experiência em trabalhos urbanos, era muito inteligente, se comunicava corretamente, e era muito educado.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 17/06/2025.

Um Novo Modo de Vida



ASSIM QUE OBTEVE O APOIO DE Sr. Carolino, escreveu uma carta para seus pais, informando que em breve deixaria o trabalho voluntário na Casa Espírita, e começaria trabalhar regularmente, com carteira assinada, e todos os direitos legais de um trabalhador urbano. Que o que levou tomar essa iniciativa, foi pelo fato de ter conhecido uma jovem de dezesseis anos, chamava-se Débora, e desde que a conheceu, passou gostar muito dela, estavam namorando a dois meses, então descobriu que precisava pensar em seu

futuro. Junto com a carta mandara uma fotografia, dele com a namorada, acompanhados de Dona Célia e Romilda.

Quando seus pais Sr. Custódio e Dona Vitória, receberam e leram a carta do filho, ficaram muito felizes, seria exatamente isso que imaginaram que faria quando foi morar na cidade. Não entendiam eles que Vital, tinha necessidade de fazer o que fez, a experiência o fez compreender que a realidade não era exatamente como pensou que seria. As coisas não aconteceram como previa, nem imaginava que encontraria em seu caminho, uma jovem como Débora, que deu outro sentido a sua vida, não conseguia imaginar seu futuro sem sua presença.

Sr. Frederico quando se inteirou da decisão de Vital, o procurou, e propôs que se engajaria também, ajudá-lo encontrar um bom emprego. Naqueles seis meses, que trabalhou como voluntário, fora inestimável sua cooperação, e nesse momento merecia ser ajudado. Sr. Frederico foi falar com Sr. Nestor Ferrari, proprietário de uma pequena indústria de lácteos, que produzia derivados do leite, queijo, requeijão, manteiga, entre outros. Esse empresário era muito

seu amigo, coincidência ou não, estava precisando contratar um funcionário, pediu para que Vital fosse falar com ele. Imediatamente foi avisado, Sr. Frederico o levou até a empresa, depois de uma breve entrevista, foi admitido como funcionário.

Como o horário de trabalho de Vital, começava as seis horas da manhã, até as três horas da tarde, com uma hora de intervalo para o almoço. Sr. Carolino e Sr. Frederico propuseram que continuasse morando em seu quarto na Instituição Espírita, e cooperasse no horário noturno, nos trabalhos administrativos. Vital aceitou a proposta imediatamente, porque era tudo que queria, continuar morando ali, e participando dos trabalhos da Casa.

Dessa forma Vital começou trabalhar, sua função inicial, ao lado de colegas, aprendeu fazer queijos, que eram produzidos em quantidade todos os dias, armazenados em enormes prateleiras, onde eram diariamente lavados e tratados, até quando adquiriam consistências, então eram ralados em máquinas apropriadas e automaticamente empacotados, depois vendidos aos supermercados da cidade, e aos supermercados das cidades da região. Ao contrário

de quando morava na fazenda com os pais, Vital tornou-se comunicativo, conversava e interagia com os colegas de trabalho, e com as pessoas em geral, com muita facilidade e eficiência, esses recursos foram desenvolvidos, nos últimos seis meses, que esteve colaborando nos trabalhos da Casa Espírita.

Seu namoro com Débora, estava contribuindo positivamente, em seu modo de vida, adquiriu autoestima, estava sempre de bom humor, sorridente, de bem com a vida. Apesar de morar relativamente distante, Dona Célia acompanhada das filhas, passaram frequentar a Casa Espírita aos sábados à noite, depois de encerradas as atividades da Casa, Vital as acompanhavam de volta para casa, e às vezes não voltava, posava por lá mesmo, e por lá também passava o domingo.

Sr. Nestor patrão de Vital, o chamou em seu escritório, perguntou se dirigia, Vital disse que não, o orientou matricular-se em uma autoescola, para aprender dirigir e tirar carteira de habilitação, como era solteiro, estava pensando promovê-lo ao cargo de vendedor. Significava que teria que viajar em um carro da empresa, visitar os supermercados das cidades vizinhas, apresentar os produtos da empresa, e efetivar

as vendas. Para isso teria que ficar alguns dias fora, as despesas correriam por conta da empresa, seu salário aumentaria significativamente, com a comissão que receberia sobre as vendas realizadas. Vital no momento assustou-se com a proposta, ficou indeciso, alegou que não conhecia a região, que talvez entre os funcionários da empresa, existia alguém mais qualificado que ele para a função. Sr. Nestor disse que havia pensado nele, justamente por considerar, que possuía o melhor perfil para vendedor, comunicava muito bem, era convincente e sabia se portar. Diante daqueles argumentos, não teve como recusar, disse que aceitava o desafio.

Imediatamente Vital matriculou-se em uma autoescola, começou receber aulas práticas, e estudar as regras de trânsito. Não demorou muito, aprendeu dirigir, prestou os exames práticos e teóricos, e foi aprovado. De posse da carteira de habilitação, estava apto a iniciar os trabalhos na nova função de vendedor. Em uma breve conversa na Casa Espírita, com os Senhores Carolino e Frederico, explicou sua nova condição dentro da empresa que trabalhava, revelou que infelizmente teria que se mudar, e não mais seria possível continuar colaborando nos trabalhos, devido as cons-

tantes viagens que teria que fazer. Os dois Senhores lamentaram perderem sua ajuda, mas se era o que desejava, tinha todo o direito de fazer o que achasse melhor.

Vital comprometeu-se que todos os sábados, continuaria frequentando a Casa, nas companhias da namorada, da futura sogra e cunhada. Perguntado se já sabia onde iria morar, disse que ainda não havia decidido, mas provavelmente em uma pensão. Dessa forma depois de oito meses, Vital se mudara daquela Instituição Espírita que o havia acolhido.

Conversando com Dona Célia, convidou-o para que viesse morar em sua casa, ele ocuparia um dos três quartos, quando estivesse na cidade, Vital conversou com Débora, a esse respeito, ela aprovou o convite da mãe, então Vital mudou da Casa Espírita, para casa de Dona Célia. Quem o conheceu, quando viera morar nessa cidade, e o visse agora, perceberia enorme mudança em suas maneiras, depois que começou namorar com Débora, principalmente quando começou trabalhar.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 20/06/2025.

Visita Surpresa



LOGO DEPOIS QUE CONSEGUIU sua habilitação, Sr. Nestor adquiriu um carro novo, mandou pintá-lo com as cores, e o logotipo da empresa, um motorista antigo, levou-o para conhecer as cidades circunvizinhas, e apresentá-lo aos donos dos estabelecimentos, onde comercializavam os produtos que a empresa produzia. A partir de então, Vital passou viajar sozinho, em curto espaço de tempo, começou visitar outros estabelecimentos comerciais, em todas as cidades que

visitava, aumentando consideravelmente o número de seus clientes, conseqüentemente suas vendas.

Era comum Vital ficar a semana toda viajando, retornava somente nos finais de semana, o casal de namorados apaixonados, morar sob o mesmo teto, continha todos os ingredientes, que facilitariam que algo mais sério aconteceria, Dona Célia por necessidade, ou de forma propositada, afrouxava a vigilância sobre eles, considerando serem os dois já adultos, nem desconfiava que Débora, deixava o quarto onde dormia com a irmã Romilda, e no silêncio da noite, sorrateiramente abria a porta do quarto do namorado, para ir deitar-se ao seu lado. Ambos os imprevidentes, quando perceberam, Débora estava grávida. Dona Célia ficou muito chateada com os dois, mas em nada resolveria, a solução seria efetivar o casamento deles, uma vez casados, não haveria motivos para falatórios, mas certamente Débora no próximo ano, não poderia continuar frequentando a escola, para cuidar do filho. Mediante a indignação de Dona Célia, que exercia papel de mãe e pai, para aplacar seu inconformismo, decidiram que se casariam imediatamente. Vital contava agora com dezenove anos, e Débora

com dezessete, fariam um casamento bem discreto, sem a tradicional cerimônia religiosa, como preceituava a Doutrina Espírita, escreveria uma carta aos pais, revelando que havia se casado com Débora, sem dar muitos detalhes, omitindo as razões do apressamento, que assim que tivesse oportunidade, a levaria para que se conhecessem.

Sr. Custódio e Dona Vitória, não entenderam muito bem, a decisão do filho se casar, e somente avisá-los depois do fato consumado, decidiram visitá-lo para saber se estava tudo bem com ele, afinal faziam mais de um ano, que havia saído de casa, e não mais retornara. Tomaram um ônibus, depois de algumas baldeações, chegaram à cidade onde Vital morava, de posse do endereço da casa de Dona Célia, pegaram um táxi e foram até lá. Chegaram numa tarde de sexta-feira, por sorte encontraram Dona Célia em casa, se apresentaram dizendo seus nomes, perguntando se o filho Vital se encontrava. Dona Célia explicou que genro estava viajando a trabalho, mas todas as sextas-feiras, retornava para casa, e passava os finais de semana, as filhas logo chegariam do colégio, convidaram para que entrassem.

Assim que entraram e se sentaram, Dona Vitória explicou o motivo de suas presenças, dissera que quando receberam a carta enviada pelo filho, estranharam seu casamento repentino. Não obstante o filho mantê-los sempre informados, precisavam ver com os olhos, se estava tudo bem como dizia em suas cartas. Não restando uma alternativa a Dona Célia, explicar em detalhes as razões do casamento realizado sem alarde. E disse com todas as palavras, que os três no prazo de seis meses, seriam avós da mesma criança.

Sr. Custódio sorriu, e disse: – Eu que achava que Vital, não iria se casar, todo o tempo que morou com a gente, que eu saiba, nunca se interessou por nenhuma moça, gostava de ficar sozinho, sempre lendo alguma coisa, pouco conversava com a gente.

Dona Célia deu seu parecer, sobre o genro: – Quando o conheci, assim que chegou a Casa Espírita, era mesmo muito calado, aos poucos foi mudando, hoje está muito mudado, foi escolhido para ser vendedor dos produtos da empresa onde trabalha, justamente por ser muito educado e comunicativo, e ter facilidade no relacionamento com as pessoas.

Nisso ouviram abrir o portão da frente, apareceram na porta, Débora acompanhada da irmã Romilda, Dona Célia perguntou a Débora: – Sabe quem são essas duas pessoas?

Débora ficou olhando para eles, e respondeu perguntando: – São os pais de Vital?

Dona Vitória levantou-se, e perguntou: – Você é Débora, a esposa de nosso filho?

Débora abraçou aos dois, e disse: – Sou eu mesma.

Romilda aproximou-se e os abraçaram, dizendo: – Meu nome é Romilda, irmã de Débora.

Sr. Custódio disse a Dona Célia: – Suas filhas são muito bonitas.

— Muito obrigado, Vital nos disse que tem quatro irmãos.

— É verdade, as duas filhas mais velhas já são casadas, porém ainda não têm filhos, como Vital também se casou, temos agora apenas dois filhos solteiros, essa criança filha de Vital e Débora que vai nascer, será nosso primeiro neto.

Débora perguntou a sogra: – Vital está sabendo que vocês viriam?

— Não, viemos sem avisá-lo, não sabemos se vai gostar ou não de nossa visita.

— Ele vai ficar surpreso, mas garanto que vai gostar.

Dona Vitória disse à nora: – Sua mãe nos disse que está grávida de três meses, sua barriga ainda não está aparecendo, é verdade?

— Mamãe não deveria ter contado a vocês, competia a nós dar a notícia.

— O fiz, para justificar a maneira repentina, como ocorreu vosso casamento, se não fosse vossa pressa desnecessária, poderíamos ter feito um casamento mais tradicional.

Sr. Custódio, deu seu parecer: – O importante é que estão casados, e está tudo bem entre vocês, viemos visitá-los para comprovar o que estou agora dizendo. Esperamos que em breve retribuam nossa visita, e passem alguns dias em nossa casa.

Ao anoitecer Vital estacionou o carro da empresa que trabalhava, em frente à casa de Dona Célia, ao entrar na sala, deparou-se com as presenças do pai e da mãe, não resistiu a emoção, os abraçaram chorando, pedindo desculpas pelo acon-

tecido, ter se casado sem avisá-los, depois abraçou e beijou a esposa, cumprimentou à sogra e a cunhada, estava sorrindo, mas ainda com lágrimas nos olhos, demonstrando ter ficado muito feliz, com suas presenças. Os pais entenderam perfeitamente suas razões, disseram estarem muito felizes, por ele ter se casado com uma menina tão bonita, humilde e muito simpática, como Débora, e pertencer a uma ótima família como a de Dona Célia.

A dona da casa disse que o jantar estava pronto, sobre a mesa, só estavam aguardando que ele chegasse, então todos foram jantar. Vital sentado ao lado da esposa, perguntou aos pais sobre seus irmãos, disseram que estavam todos bem, querendo revê-lo o mais breve possível, para conhecerem sua esposa, então Vital disse:

— Esses dias conversei com meu patrão, Sr. Nestor, assim que surgir um feriado prolongado, emprestar-me o carro que trabalho, e irmos todos, passar um final de semana com vocês, ele concordou imediatamente. Podem dizer aos meus irmãos, que logo iremos visitá-los, que também estou com saudade de todos.

Dona Vitória perguntou: – Isso vai ser, antes ou depois que vosso filho nascer?

Vital achou que ainda não estivessem sabendo, olhou indignado para Débora, ela disse: – Eu não disse nada, quando chegamos do colégio mamãe já tinha contado a eles.

Vital meio sem graça, disse a mãe: – Pretendo ir logo, podem dizer a eles também, que logo serão tios, Débora está grávida.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 23/06/2025.

Retorno a Casa Paterna



NO SÁBADO PELA MANHÃ Vital convidou aos pais, para acompanhá-lo até a empresa onde trabalhava, teria que entregar alguns relatórios de vendas, depois os levariam para conhecerem a Casa Espírita onde morou e trabalhou voluntariamente por oito meses, dariam uma volta pela cidade, e retornariam para casa, Débora como sempre o acompanhava nas manhãs de sábado, fora com eles. Foi um passeio muito

divertido, Sr. Custódio e Dona Vitória, conheceram as instalações da indústria, onde eram fabricados os queijos, requeijões e outros derivados do leite, como também o proprietário Sr. Nestor, ficaram admirados com a limpeza, eficiência e a rapidez como tudo se processava. Na Casa Espírita conheceram Sr. Frederico, e outros colaboradores voluntários, visitaram o pavilhão dos idosos, que no momento havia oito moradores, como dissemos anteriormente, o número desses moradores sempre se alterava, com as chegadas e as partidas, sendo sua capacidade máxima doze moradores, equivalente ao número dos aposentos do pavilhão. Vital acompanhado da esposa e dos pais, cumprimentaram aos moradores, conversaram com eles, perceberam que nem todos eram idosos, eram moradores de rua, de meia idade, com sérios problemas de saúde, que foram trazidos para se recuperarem, todos demonstravam estarem muito felizes com os tratamentos que estavam recebendo. Felizmente o pavilhão destinado às crianças, naquele momento não tinha nenhum

morador, isso significava que seus moradores, com as graças de Deus, já haviam encontrado um lar para morar. Mas ele continuaria ali, com suas portas abertas, para acolher qualquer criança, que estivesse desamparada.

Antes das onze horas, estavam de volta, era a primeira vez que Sr. Custódio e Dona Vitória visitavam lugares como aqueles, suas vidas sempre na fazenda, fazendo e convivendo com as mesmas coisas, nem imaginavam que existiam lugares assim, onde pessoas abdicavam de seus tempos livres, para voluntariamente ajudar aos necessitados. Agora pensando melhor, reconheciam o quanto estavam errados, quando não aprovaram a decisão do filho, em dedicar-se em realizar trabalho tão nobre.

Sr. Custódio disse ao filho, que gostaria que os levassem no domingo pela manhã, até a rodoviária, pretendiam sair logo cedo para fazerem a viagem de volta, Vital pediu para que fossem somente na segunda-feira, assim passariam o domingo com eles. Sr. Custódio justificou-se que tinha compromisso de trabalho na segunda-feira cedo, que estavam muito felizes por confirmar que estava tudo bem com ele,

de terem conhecido a nora, e sua família, que os esperariam pela visita, conforme havia prometido.

Quando Vital foi devolver o dinheiro que o havia entregado, no dia em que saiu de casa, com Dr. Germano, Sr. Custódio recusou aceitar, disse que aquele fora um presente dele e da mãe, e não um empréstimo, que fizesse daquele valor, o uso que necessitasse. Diante daquela declaração, não insistiu, e o agradeceu pelo presente.

No domingo cedo, depois de tomarem o café da manhã, Sr. Custódio e Dona Vitória, se despediram de Dona Célia e Romilda, Vital acompanhado de Débora, foram levá-los a rodoviária para pegar o ônibus para voltarem para casa. E lá permaneceram conversando até o horário que o ônibus saiu, Sr. Custódio e Dona Vitória perceberam que o filho Vital, era uma outra pessoa, como havia revelado Dona Célia, tornara-se mais alegre, comunicativo, muito diferente daquele rapaz tímido e solitário, como era quando morava com eles na fazenda, e isso era muito bom, não ouviram sequer uma palavra que o desabonasse, pelo contrário, sentiram

que era muito querido pelas pessoas que o conheciam.

Depois de dois meses que os pais o haviam visitado, surgiria a oportunidade de realizar aquela tão esperada viagem, melhor dizendo, retribuir a visita que os pais o fizeram. Ao invés de passarem um final de semana prolongado, como intencionavam, com anuência do Sr. Nestor, seu patrão, deliberaram que passariam uma semana inteira. Vital e a esposa Débora, Dona Célia e a filha Romilda, depois de tudo planejado, saíram em um sábado pela manhã. No quinto mês de gestação, a barriga saliente de Débora deixava bem perceptível sua gravidez, o sexo da criança que fora revelado pelo aparelho ultrassom ao médico, e repassado aos pais, era um segredo que Vital e Débora, combinaram que só revelariam quando chegassem à casa dos avós paternos. A viagem de quatro horas, transcorreria sem nenhum incidente, exceto a ansiedade de chegar logo, principalmente Vital, que apesar do curto espaço de tempo que ficara ausente da casa dos pais, um ano e meio, ao rever aqueles lugares e as pai-

sagens suas conhecidas, tinha impressão de que faziam muito mais tempo.

Assim que ouviu o ruído do motor do carro, parar em frente à casa, Dona Vitória deixou o que estava fazendo, saiu ao terreiro, reconheceu que era o filho que estava chegando, acompanhado da esposa, da sogra, e da cunhada. Incontinenti foi ao encontro deles, e os abraçaram emocionada. Sr. Custódio e os filhos Humberto e Gabriel, assim que viram o carro chegar, também deixaram seus afazeres, e vieram ao encontro deles. O reencontro fora emocionante, os irmãos perceberam que Vital não era mais aquele rapazinho acanhado, que um dia saiu de casa chorando, agora estava muito mudado, enquanto eles continuavam do mesmo jeito.

Não obstante ser uma casa antiga, era bem espaçosa, e fora muito bem construída, como dissemos anteriormente, fora ali a primeira sede da fazenda, nos tempos de Coronel Paulo Queiroz, as árvores frutíferas no quintal, certamente testemunharam muitos acontecimentos que ali sucederam. Quando Sr. Custódio e Dona Vitória,

mudaram para essa casa, tinham apenas as duas filhas mais velhas, os três filhos mais novos nasceram e cresceram ali, a casa à época estava abandonada, melhor dizendo, desocupada, segundo conversas de moradores, apesar de ser uma ótima casa, ninguém queria morar ali, por acreditarem que seria assombrada. Esse segredo Sr. Custódio nunca revelou a esposa, que era muito medrosa, e ficava o dia todo sozinha com as duas meninas, mas nunca perceberam nada de anormal exceto as visagens de Vital, quando criança.

Depois dos cumprimentos, e dos abraços, as visitas foram convidadas entrar, para conhecerem à casa, como havia quartos para todos, Vital e a esposa ocuparam um deles, Dona Célia e Romilda um outro, e ali deixaram suas coisas, depois foram almoçar. O dia de sábado transcorreu muito tranquilo, Vital as levaram para conhecer o quintal, caminharam por todos os lados, foram conhecer o córrego que passava nos fundos, distante mais ou menos trezentos metros da casa, onde seguia ziguezagueando, em direção ao rio, por uns três quilômetros em terras da mesma fazenda, até desa-

guar no Rio Grande, que separa os Estados de São Paulo e Minas Gerais.

Em fazendas costuma-se dormir mais cedo, que nas cidades, antes as dez horas da noite, todos estavam em seus quartos em suas camas. Assim que Vital começou dormir, foi acometido por uma sucessão de sonhos muito reais, estava sendo perseguido, em meio à uma mata fechada, por caçadores armados, com foices, machados e fações, e cães muito bravos, quando estava na iminência de ser capturado, subiu em uma árvore, os homens e os cães chegaram até a árvore onde se encontrava, começaram corta-la com machados, nesse momento teve impressão de estar vivenciando aquela situação, tentava movimentar-se e não conseguia, continuava sobre a árvore, e os homens continuavam batendo forte nela com os machados, lembrou-se que se encontrava na casa de seus pais, na fazenda onde fora criado, começou chamar pelo pai e pelos irmãos, mas ninguém o ouvia, percebeu que a árvore estava pendendo lentamente, então gritou pedindo que o ajudassem, não apareceu ninguém,

ouviu um estrondo no tronco da árvore, ela desabou com ele, numa queda brusca e violenta, os caçadores o pegaram, amarraram seus braços e pernas, começaram tortura-lo, com estocadas de facas e facões, tingindo sua roupa de sangue, tentava mover-se e não conseguia, então gritou o mais forte que pode, chamando pelo pai. Então viu chegar um homem negro e forte, estava sozinho, trazia uma foice nas mãos, e começou atacar os caçadores a golpes de foice, dois deles haviam sido atingidos, se encontravam estirados no chão, em poças de sangue, enquanto debatia com a foice com um terceiro, um quarto caçador o atacou pelas costas, aplicando-lhe uma machadada na coxa abaixo das nádegas, sua perna fora decepada com o golpe, ele tombou-se imediatamente, envolto em sangue. Nesse momento Vital reconheceu, que aquele homem negro era o mesmo Sr. Tomé, que lhe aparecia quando criança, e lhe contava histórias.

O mesmo homem que havia decepado a perna de Sr. Tomé com o machado, veio até onde ele se encontrava amarrado, sem lhe dizer nada, desfe-

riu uma machadada em sua cabeça. Nesse momento Vital deu um grito tão alto, que ecoou pela casa acordando a todos, ao tempo que, com um salto, se pôs de pé ao lado da cama, estava todo arrepiado, tremendo e chorando como uma criança, Débora levava um susto tão grande, que pensou que a casa estivesse desabando, todos vieram ao seu quarto para saber o que estava acontecendo, ele dizia chorando que tinha tido um pesadelo terrível. Enquanto a mãe o acalmava, o pai foi à cozinha buscar um caneco com água, tomou um gole, sentou-se na cama, e continuava chorando.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 26/06/2025.

Sonhos Reveladores



TODOS VOLTARAM PARA SEUS quartos, exceto Dona Vitória que se sentou ao seu lado, ficou conversando com ele, perguntou se esse tipo de pesadelo, já havia acontecido antes, dissera a mãe que não, fora algo muito estranho, que não conseguia entender. Débora deitada, voltou dormir, a mãe aconselhou que fizesse umas orações, deitasse-se e dormisse. Levantou-se e voltou para seu quarto. Vital

ficou orando a Deus e a Espiritualidade, que o ajudassem compreender aquela série de sonhos que tivera, e a razão da presença de Sr. Tomé. Deitou-se, e não conseguiu dormir, sentia uns arrepios que estremecia todo seu corpo.

Como não conseguia dormir, e os arrepios não cessavam, levantou, consultou o relógio, passava poucos minutos do meio da noite, pegou uma lanterna, saiu sorrateiramente do quarto, para não acordar a esposa, abriu a porta da cozinha, foi sentar-se sob as árvores do quintal, no mesmo lugar quando criança, começou orar fervorosamente, evocando a presença de Sr. Tomé. De repente adormeceu, e voltou sonhar. Fora um sonho muito complexo e demorado, que tinha muita relação com o primeiro, tentaremos reproduzir resumidamente o teor desse segundo sonho, que viria mudar radicalmente o rumo da vida de Vital:

“Moravam em um casebre coberto de sapé, nas proximidades do rio, fazia parte de uma família negra, o pai um homem negro, muito forte, que o reconheceu como sendo Sr.

Tomé, a mãe uma mulher negra muito bonita, chamava-se Dona Leonora, ele o filho mais velho, chamava-se Enoque, depois uma mocinha muito bonita, que deveria ter dezesseis anos, chamava-se Dominga, era muito magra e esguia, tinha uma vasta cabeleira pixaim, mais quatro irmãos, o mais jovem, um menino muito esperto, deveria ter sete anos, chamava-se Sereeno. O pai tinha enorme lavoura de arroz, quase no ponto de colheita, próxima ao casebre, os cachos pesados e amarelados prometiam boa colheita. Estavam trabalhando no arrozal, quando chegou um jagunço do Coronel Queiroz, disse ao Sr. Tomé, que recebera ordem para avisá-lo, que deveriam abandonar o casebre e a lavoura e se mudarem imediatamente, caso não obedecesse seriam todos mortos e atirados ao rio. Sr. Tomé disse que não obedeceria, que só mudariam depois da colheita do arrozal. O jagunço virou seu cavalo e foi embora.

Naquela mesma tarde, ele Enoque, fora sequestrado, e levado para um esconderijo, ao anoitecer o mesmo jagunço foi até ao casebre,

disse ao Sr. Tomé que não esperasse pelo filho, Enoque estava detido, e só seria libertado depois que desocupassem o barraco, e saíssem das terras do Coronel Queiroz, depois se foi. Sr. Tomé amolou bem sua foice, a única arma que possuía, jantou, depois disse a esposa que iria procurar pelo filho, sem revelar que o haviam levado. Enoque fora deixado sozinho, amarrado com cordas, pelas mãos e pés, no esteio de um barracão, passou a noite toda tentando desamarrar-se, ao amanhecer o dia conseguiu soltar-se, e correu em direção ao matagal, fora visto correndo fugindo, quatro homens armados com machados, foices, facões e facas, e alguns cachorros saíram para recaptura-lo, Sr. Tomé que passara a noite toda procurando pelo filho, não percebeu que homens foram em seu barraco que ficava próximo ao rio, naquela mesma noite, e atearam fogo na cobertura de sapé do barraco que morava com a família. Quando ouviu o latido dos cachorros na mata, imaginou que o filho havia escapado, e foi ao encalço, quando chegou ao local onde haviam

derrubado a árvore, viu o filho amarrado sendo torturado, imediatamente começou atacá-los a golpes de foice, e teria matado a todos, se não tivesse sido atacado pelas costas, e perdido uma das pernas. Ainda agonizante viu quando seu algoz, fora até onde Enoque estava amarrado e indefeso, e lhe estourou a cabeça com o machado”.

Ao contrário do primeiro sonho, Vital acordou lentamente como estivesse saindo daquele cenário macabro, levando consigo um universo de informações, que o possibilitaria, elucidar alguns mistérios que sempre o acompanharam, desde que era uma criança, quando aquelas mesmas pessoas apareciam para ele. Olhou o horizonte, viu que o sol já o havia tingido de vermelho, com seus raios de luz, o domingo estava amanhecendo. Antes que se levantasse, viu seu pai Sr. Custódio, vindo em sua direção, e perguntando: – O que aconteceu com você meu filho, Débora acordou e não o viu na cama, a coitada está chorando desesperada?

— Não aconteceu nada meu pai, apenas me levantei mais cedo.

Quando voltaram e entraram na casa, encontraram todos de pé, sem entenderem o que poderia ter acontecido, todos aceitaram e compreenderam suas justificativas, menos Débora que o censurou severamente, dizendo que deveria tê-la acordado, para dizer que iria levantar-se tão cedo, que parecia gostar de assustá-la propositadamente. Ele a abraçou, pediu desculpas, dizendo que não tinha conseguido dormir, depois do acontecido, sem mencionar a ninguém seu segundo sonho.

Depois de tomarem o café da manhã, Vital aproximou-se do pai, perguntou, quem seria o morador mais antigo daquela fazenda. Sr. Custódio ao invés de responder sua pergunta, lhe perguntou: – Para que gostaria saber?

— Gostaria conversar com essa pessoa, talvez para conseguir entender algumas coisas.

— Das famílias que moram nessa fazenda, a nossa é a mais antiga, moramos aqui há quase vinte e cinco anos, seu irmão Humberto nasceu aqui, mas conheço um velhinho que ainda é vivo, mora na Vila aqui próxima, quando mudamos para essa fazenda, ele morava aqui com a esposa, depois que ela morreu, Dr. Germano pediu que se mudasse. Segundo conversas de moradores da época, porque não presenciei nada disso, ele teria ameaçado Dr. Germano, denunciar algumas barbaridades cometidas pelo Coronel Paulo Queiroz, que nunca foram apuradas. Para mudar-se como queria, e não denunciar os crimes que seu pai havia mandado cometer, exigiu uma boa quantia, e Dr. Germano para evitar encrenca, teria pagado o valor que exigiu.

— Como se chama esse velhinho?

— Faz algum tempo que não o vejo, seu nome eu não sei, mas todo mundo aqui da região, e da vila onde suponho que ele ainda mora, o conhece por Sr. Arantes, ou velho Arantes. Acho que ainda é vivo.

— Não diz nada a ninguém, que fui até a vila, se perguntarem aonde fui, diz que fui visitar um amigo, que mora na fazenda vizinha, antes do almoço estarei de volta.

Pegou as chaves do carro, deu partida e saiu. Débora imediatamente veio perguntar ao sogro, aonde teria ido Vital, ele disse o que o filho pediu que dissesse, ela voltou para junto da mãe e da sogra, que estavam conversando na cozinha.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 27/06/2025.

Investigando o Passado



AVILA, OU AGROVILA ERA UM aglomerado de mais ou menos, uma centena de casas residências, existia algumas casas comerciais, bares, barbearia, e outros serviços elementares, uma pequena igreja na parte central. Quase a totalidade dos trabalhadores, se ocupavam com atividades da área rural. Vital estacionou o carro próximo a uma casa comercial, entrou perguntou a um funcionário se conhe-

cia Sr. Arantes, disse que conhecia, perguntou se sabia onde morava, ele explicou onde ficava sua casa, não tinha como não localizar, deixou o carro ali, e foi caminhando, chegou à frente, bateu palmas, abriu a porta um senhor de idade avançada, perguntou o que desejava. Vital foi até ele e o cumprimentou, e perguntou:

— O Senhor se chama Sr. Arantes?

— Sim sou eu mesmo, Valdir Arantes.

— Fiquei sabendo que o Senhor é um morador muito antigo desta região, que veio morar aqui, quando as fazendas estavam começando serem desbravadas, e tem conhecimento de muitos acontecimentos que aqui ocorreram. Como gosto de ouvir histórias reais, que de fato aconteceram, gostaria se fosse possível, ouvir algumas que o Senhor ainda se lembra.

— Você trabalha na polícia?

— Não Senhor, no momento estou desempregado, estou pensando escrever algumas histórias reais, quem sabe publicar em algum jornal, para que outras pessoas também venham conhecer.

— Entre, vamos sentar-nos, quero saber direito, como que é esse negócio. Conheço muitas histórias, que ninguém mais tem conhecimento, porque quem as conheciam como eu, não estão mais vivos para contar. Poderia até contar para você, mas com algumas condições.

— Quais seriam essas condições Sr. Arantes?

— Como é seu nome mesmo? Vamos entrar, sentar-se, para conversarmos melhor, a verdade que não estou conseguindo ficar muito tempo de pé, devido minha idade.

Vital entrou na sala, ele indicou o sofá, Vital se sentou, e disse: – Meu nome é Vital Coelho, como estávamos falando, quais seriam suas condições?

— Certamente o moço não vai dar de graça, as histórias que escrever, como serei eu quem vou contar, preciso receber alguma coisa em troca. Outra coisa, não quero que meu nome apareça em nenhum lugar, porque se vierem falar comigo, eu vou negar. Aconteceram crimes nessa região, que nunca foram denunciados, e os criminosos nunca foram punidos, todos que

tinham conhecimento dessas histórias, assim como eu, não denunciaram à época, por medo, medo de morrer.

— Mas esses crimes, perante a justiça dos homens já caducaram, nunca vão ser punidos.

— Verdade, o moço falou certo, não serão punidos pela justiça dos homens, esses criminosos já morreram, certamente já foram, ou ainda estão sendo punidos pela Justiça de Deus.

— Isso mesmo, o Senhor falou a pura verdade. Da Justiça de Deus, ninguém fica impune, então me diz quanto quer receber, se estiver ao meu alcance lhe pagarei, caso não estiver, deixamos para uma outra oportunidade, quando eu tiver condições para pagar. Quanto ao seu nome, terei o cuidado de não revelar nenhum nome de pessoas envolvidas, inventarei outros nomes para todos.

— Penso que assim será melhor, em verdade, ninguém mais se importa com essas coisas, quando lerem essas histórias, nem acreditarão que de fato aconteceram, quem vai se importar que um trabalhador da roça, foi assassinado, seja lá por um motivo justo ou injusto?

— Em verdade nenhum tipo de crime pode ser considerado justo, um dos dez mandamentos da Lei de Deus, prescreve “Não Matarás”, ninguém tem o direito de tirar a vida de seu semelhante, o direito à vida, e o momento da morte, são atributos das Leis de Deus.

— Vejo que o moço pensa, da maneira que somente na velhice comecei pensar. Mas com sua idade eu não pensava assim, e por desconhecer a verdade, fiz muitas coisas de que muito me arrependo. Hoje tenho oitenta anos, quando cheguei aqui tinha apenas vinte, isso aqui era um sertão bruto, e os homens ricos, usavam a gente para cometer os crimes que desejavam, e o pobre ignorante, por dinheiro aceitava fazer, o que eles quisessem.

— Do modo como está falando, percebo que o Senhor participou desses crimes, à serviço de fazendeiros, por desconhecer que estaria também se comprometendo?

— Foi isso que aconteceu, se eu não fizesse, outro faria, como estava sempre precisando de dinheiro, fui também usado para cometer esses crimes.

— Então o Senhor não seria capaz de denunciar, crimes que ajudou cometer?

— Não seria, porque nossa vida para o patrão não tinha nenhum valor, muitos pagaram com a vida por não ter feito o serviço direito, ou por ter recusado fazer, quem fazia as leis eram os Coronéis, que com seu dinheiro, podia fazer, e desfazer.

— O Senhor trabalhou para muitos fazendeiros?

— Não, trabalhei quase cinquenta anos, para um só Coronel que se chamava Paulo Queiroz, hoje suas terras pertencem ao filho, que é advogado, Dr. Germano Queiroz, todos aqui o conhecem, sua fazenda margeia o rio por quase dez quilômetros, daqui até lá são apenas vinte quilômetros.

Vital olhou o relógio, já eram quase onze horas, disse ao Sr. Arantes: – Agora preciso ir embora, meus parentes estão me esperando para almoçar. Posso voltar amanhã para continuarmos nossa conversa?

— Pode vir pela manhã, sempre acordo muito cedo.

Vital se levantou, deu a mão a ele se despedindo, e foi embora.

Assim que chegou à casa dos pais, Débora o esperava com cara de quem não estava nada satisfeita, com seu sumiço, foi perguntando onde estivera esse tempo todo, então disse a ela a verdade, que estivera na vila, investigando seu passado, que tinha muita relação com o sonho que tivera à noite, e que na segunda-feira, retornaria para continuar sua investigação, ela disse que só iria se a levasse com ele, Vital não disse nada, simplesmente concordou.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 28/06/2025.



O Mistério Continua



DEPOIS do almoço conversando com o pai, fizera um relato sucinto do que conversara com Sr. Arantes, que ele havia confessado, que participava dos trabalhos sujos, à serviço do Coronel Paulo Queiroz. Sr. Custódio disse que já tinha ouvido pessoas comentarem sobre isso, e sobre a extorsão imposta ao Dr. Germano, para deixar a fazenda. Vital disse ao pai, que ele só havia aceitado dizer o que sabia, mediante pagamento, sem dizer o valor que cobraria.

Sr. Custódio o aconselhou ter cuidado com ele, pelo que ouvia falar sobre ele, não era um homem confiável, quem conhecia seu passado, o considerava mercenário, que por dinheiro estava disposto a qualquer coisa. Vital disse ao pai, que depois que descobrisse o que lhe interessava, não mais voltaria lá.

Na segunda-feira acompanhado de Débora, voltara à casa de Sr. Arantes, Vital lhe explicou que era sua esposa, se ele não quisesse sua presença, ela poderia esperar por ele no carro. Sr. Arantes disse que ela poderia ficar e ouvir a conversa, sem problemas. Vital com um caderno de anotações, deu a entender que estava pronto para ouvir. Começou dizendo:

— Como lhe disse ontem, só trabalhei para o Coronel Paulo Queiroz, quando cheguei em sua fazenda, tinha apenas vinte anos, era solteiro, fui morar em um barracão que existia ao lado da antiga sede, onde ainda existe uma casa grande, e bastante antiga, era nessa casa que ele costumava ficar, haviam duas mulheres que cuidavam da casa, e faziam a comida para ele, e para os empregados, que assim como eu, moravam também nesse barracão, sua família morava na cidade, quase nunca aparecia. Existia à época

quando cheguei, muitas famílias que moravam em suas terras, derrubavam a mata, e plantavam roças, basicamente, arroz, milho e feijão. Depois de cultivarem aquela área por dois ou três anos, plantavam o capim colônião, e derrubavam um novo talhão de mata. A maioria dessas famílias eram pessoas brancas, havia em menor quantidade famílias de pessoas negras. Desde o início percebi que o Coronel não gostava dos negros, e eram exatamente contra esses, que mandava cometer as maiores barbaridades.

— Que tipo de barbaridades?

— Quando suas lavouras estavam ao ponto de colheita, mandavam os empregados ameaçá-las de morte, caso não desocupassem suas terras, quase sempre elas obedeciam, iam embora, abandonando suas lavouras, então competia a nós empregados, realizar a colheita, depois plantar o capim.

— E quando essas famílias não obedeciam?

— Como eu disse, quase todas obedeciam, as que não obedeciam competia a nós eliminá-las, jogar seus corpos no rio, queimar seus barracos, sem a presença deles, colhíamos suas lavouras, e plantávamos o capim em suas roças.

— Por que só agia assim com as famílias negras?

— Como eu disse, acho que não gostava de negros.

— Então por que aceitava que negros viessem morar em sua propriedade?

— Talvez com o propósito de mandar fazer, aquilo que fazia.

— Quantas famílias de negros, o Senhor lembra que foram eliminadas?

— O número exato não me lembro, mas nos primeiros dez anos que lá trabalhei, pelo menos uma família por ano fora eliminada, sempre usando o mesmo método, mas como eu disse, a maioria delas, abandonavam tudo e iam embora. Para se ter uma ideia, o Coronel vendia mais arroz que qualquer produtor de arroz da região, tinha sempre seu paiol abarrotado de milho em espigas, sem plantar um palmo de roças.

— O Senhor disse, que isso aconteceu nos primeiros dez anos, depois não teria mais acontecido?

— Não, nenhuma família negra se habilitava morar e trabalhar mais ali, porque na região todos tinham conhecimento que isso acontecia, até as auto-

ridades policiais dessa região tinham conhecimento, mas nada faziam. Eu nunca soube o que isso significa, mas diziam que Coronel Paulo Queiroz era nazista.

— O nazismo foi uma ideologia política totalitária e racista, que surgiu na Alemanha na primeira metade do século XX, caracterizou-se pela supremacia racial ariana, pelo antissemitismo, pelo militarismo, e pela concentração do poder nas mãos de um líder Adolf Hitler. O regime nazista também conhecido como terceiro Reich, foi responsável pela perseguição e morte de milhões de pessoas. Incluindo judeus, ciganos, homossexuais, deficientes, entre outros grupos considerados indesejáveis, inclusive os negros.

— Deus me livre de uma gente dessa, eu não sabia que nazista era tudo isso que o moço falou, se matou milhões de pessoas, não era uma coisa do bem, e sim do mal.

— Por acaso entre essas famílias negras eliminadas, o Senhor se lembraria de uma delas, cuja o chefe chamava-se Sr. Tomé, tinha seis filhos, o filho mais velho chamava-se Enoque, e tinha uma filha que se chamava Dominga, Sr. Tomé teria morri-

do, após ter tido uma das pernas decepada com um golpe de machado, em luta no meio da mata, com empregados do Coronel Queiroz, depois de ver o filho Enoque ser torturado por esses homens?

Sr. Arantes puxou pela memória, depois falou: – Não me lembro desse nome, caso estivesse presente, quando sua perna foi decepada com o machado, certamente me lembraria, o mais interessante que nunca ouvi nada a esse respeito. Se isso for verdade, aconteceu antes que viesse morar aqui. Onde ficou sabendo que essa história teria de fato acontecido?

— De ouvir pessoas dizerem, que antigos moradores da fazenda “Beira Rio” comentavam esse acontecimento, mas sem mencionarem quando teria ocorrido. Sr. Arantes gostaria saber quanto lhe devo pelas informações prestadas, recebi uma proposta de trabalho, amanhã terei que me apresentar ao emprego, penso que no momento não será possível continuar nossa conversa, mas tenho certeza de que suas informações são verdadeiras, estão condizentes com as que as que tinha ouvido dizer.

— Você pretende escrever alguma coisa do que ouviu?

— No momento não, em verdade esse trabalho requeria tempo, e no momento não teria esse tempo, nem saberia o que escrever, como acredito que começarei trabalhar em breve, vou adiar por uns tempos esse meu projeto. Talvez no futuro eu consigo realizar o que pretendia. Mas estou disposto gratificá-lo pelo seu tempo, e pela atenção que o Senhor me dedicou.

— Você nada me deve, foi um prazer conhecê-lo, e poder conversar com você, se um dia precisar de mim, e estiver disposto ouvir o que sei. E eu estiver ainda por aqui, terei muita honra em ajudá-lo.

— Vou lhe dar uma pequena gratificação, foi um grande prazer conhecer o Senhor, espero um dia revê-lo, de certa forma valeu a pena nossas conversas.

Débora também o cumprimentou, se despediram e foram embora.

Pelo caminho Débora queria saber o significado daquela conversa, que particularmente não havia entendido nada. Vital disse a ela: – Minha vida desde criança, tem sido muito complicada, se lhe dissesse o que já me aconteceu não acreditaria,

somente quem passa pelo que passei, poderia imaginar possível. O pesadelo daquela noite, e depois outro sonho que tive, ressuscitaram acontecimentos que vivenciei em uma outra existência, para recuperar minha paz de espírito, necessito algumas respostas. Somente quando obtiver essas informações, começarei compreender por que isso está novamente acontecendo comigo.

Se Débora estava confusa, a justificativa do marido, em nada contribuiu para esclarecê-la, então limitou-se observá-lo, Vital estava muito sério e concentrado, como estivesse divagando em pensamentos, quando chegaram à casa, ele foi direto procurar o pai para conversar.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 29/06/2025.

Passeio Prejudicado



INTERESSANTE QUE ANTES DE SE mudar para cidade, Vital muito raramente conversava com o pai, quando queria dizer alguma coisa, sempre procurava pela mãe, conversou alguns poucos minutos com o pai, depois desceu até o quintal, sentou-se no mesmo lugar onde adormeceu naquela noite de sábado, e tivera aquele sonho duradouro, como se quisesse relembrar detalhes daqueles acontecimentos, que passaram perturbar seus pensamentos. Concentrou-se na imagem de Sr. Tomé, que trazia em sua

memória, sentiu seu corpo todo arrepiar, não tinha nenhuma dúvida, ele estava ali presente, sentia sua presença, mas não conseguia nada ver, nem ouvir. Começou orar mentalmente, pedindo a Deus, e aos espíritos socorristas que viessem orientar o espírito de Sr. Tomé, que ainda estava vagando, pelas terras daquela fazenda, sem encontrar o caminho que o levaria para o mundo espiritual, onde certamente compreenderia tudo que havia acontecido, e sua nova condição. Sentiu um aperto no coração, e uma emoção tão forte que sem perceber começou chorar, de repente aquela aflição foi diminuindo, sentiu um alívio tão grande, como dissesse que suas preces foram ouvidas e atendidas, e o espírito de Sr. Tomé havia sido socorrido, por que não estava mais sentindo sua presença

A pessoa que nunca sentiu sensação semelhante, tem dificuldade acreditar que isso seja possível, os espíritos nos asseguram através de suas mensagens, que essas sintonias acontecem frequentemente, com todas as pessoas, mas nem todos possuem sensibilidade para perceber, da mesma forma têm dificuldade para acreditar. Nosso espíri-

to possui recursos que desconhecemos, mas quem nunca sonhou, e passou momentos agradáveis e felizes, ao lado de um ente querido, que não mais habita esse nosso plano físico?

Pelo que entendemos Sr. Arantes, estaria disposto revelar a Vital, alguns acontecimentos, ocorridos à época, a mando do Coronel Queiroz, inclusive que ele havia participado, como confessou que desconhecia o caso da família de Sr. Tomé, optou por não tomar conhecimento, de outros casos igualmente horripilantes e inaceitáveis, por não coadunar com atos de violências e injustiças, principalmente contra famílias de trabalhadores humildes e indefesos. Os sonhos que teve já haviam mexido profundamente com seu emocional, que desde então, não estava conseguindo alimentar-se, nem dormir direito, aquele tão esperado passeio, perdera o entusiasmo, e a alegria daquela tarde de sábado, quando chegaram.

Na quarta-feira, Vital levantou cedo, disse a Débora para avisar a mãe, arrumarem as coisas, que após o almoço estariam indo embora, quando Dona Vitória ficou sabendo através de Débora, que Vital

havia decidido ir embora, naquele dia, foi perguntar ao filho o motivo que o havia feito mudar de ideia, Vital disse que não estava se sentindo muito bem, pretendia ir embora e consultar um médico, a mãe perguntou o que estava sentindo, respondeu que sua cabeça não estava boa, aproveitaria a folga no trabalho para fazer alguns exames médicos de saúde. Diante das justificativas do filho, a mãe não insistiu. Almoçaram, colocaram as coisas no carro, despediram de todos e foram embora.

Chegaram ao entardecer, deixou a esposa, Dona Célia e Romilda em casa, saiu sozinho sem dizer aonde iria, foi até a empresa que trabalhava, disse ao Sr. Nestor que no dia seguinte voltaria ao trabalho, o patrão achou estranho, mas não perguntou as razões que o fizeram interromper o passeio, simplesmente acatou sua decisão. Quando disse a Débora, que no dia seguinte, logo pela manhã voltaria ao trabalho, ela que sempre demonstrou ser sensata e compreensiva, desabafou dizendo:

— Sinceramente Vital, não consigo mais te entender, interrompeu nosso passeio alegando a

sua mãe que precisava ir ao médico, chega em casa, decidi ir trabalhar, gostaria saber o que está acontecendo com você? Vive calado, sempre com a cara fechada, não conversar com a gente, começou mentir para as pessoas, coisa que nunca fizera antes. Sinto que você não está bem, por que não vai ao médico como disse que faria?

— Você está certa, não estou bem, mas é coisa minha, ninguém pode me ajudar, o trabalho vai me ajudar superar o que estou sentindo, talvez só volte no outro final de semana, isso se estiver melhor, não se preocupe comigo, cuide de você e de nosso filho. Esse nosso passeio foi tão tumultuado, que esquecemos de revelar a todos, que nosso filho será um menino, como nos disse seu médico.

— Não se preocupe com isso, percebi que havia se esquecido, eu mesma disse a eles, penso que nem todos acreditaram, que isso seria possível, principalmente suas irmãs, Noeli e Mariela, que estiveram lá no domingo pela manhã, para ver você e me conhecerem, mas você havia ido à vila, logo que chegou elas precisaram ir embora, antes de saírem reclamaram para sua mãe, disseram que quando

você chegou mal as cumprimentaram, nem parou para conversar com elas. Sua mãe disse, que você havia tido um pesadelo horrível, durante à noite, e ainda não estava bem.

— É verdade, posso dizer que não cheguei conversar com elas, não pensei que fossem embora tão rapidamente, quando percebi já tinham saído, e aí, elas gostaram de você?

— Isso não sei, apesar de termos conversado pouco, percebi que são muito simples, e não gostam de falar sobre suas vidas, nem saber da vida dos outros, mas eu gostei das duas, Mariela a mais nova é mais bonita e sorridente, Noeli mais séria e calada. Elas precisaram ir embora, também não imaginaram que voltássemos tão rapidamente, eu mesmo disse que viríamos embora somente no domingo, até agora não entendi sua pressa em voltar, se seu patrão o havia dado folga a semana toda.

No dia seguinte, Vital se levantou bem cedo, não quis acordar ninguém. Quando Dona Célia se levantou, percebeu a porta da cozinha destrancada, apenas encostada, foi até o quarto da filha, a chamou, Débora acordou, perguntou se Vital havia

se levantado, ela disse que não estava mais na cama, que deveria ter se levantado e ido trabalhar. Quando Débora levantou-se reclamou para mãe, que o marido dissera, que só voltaria no outro final de semana. Dona Célia, dera seu parecer de mulher experiente:

— Vai se acostumando minha filha, isso é normal. Casamento não é o mar de rosas que se imagina, você poderia estar muito bem solteira, estudando, quem sabe trabalhando em um bom emprego, mas optou por se casar aos dezessete anos, quando seu filho nascer, passará viver em função dele. Foi exatamente o que aconteceu comigo, depois seu pai nos abandonou, e você presenciou tudo que tenho passado, sou uma mulher solitária, que tenho que batalhar pela vida.

— Mas Vital não vai me deixar, está passando por uma fase difícil, mas no futuro, quando nosso filho crescer, pretendo voltar estudar, fazer uma faculdade e me formar.

— Isso se não engravidar novamente, com dois filhos ou mais, as coisas se tornarão cada vez mais difícil, isso se o marido consentir que volte estu-

dar, geralmente o homem que não tem estudo, não admite que a mulher estude, para não se sentir inferiorizado. Vá com cuidado minha filha, o mundo e a vida não são brinquedos. Eu me arrependo profundamente das coisas que fiz, apesar de ter você e Romilda, penso que minha velhice será em um asilo, junto com outros velhos abandonados pela sorte.

— A Senhora está dramatizando muito as coisas, nunca vamos permitir que vá morar em um asilo, vamos pensar positivo, que logo Vital conseguirá comprar uma boa casa, nos mudamos desse bairro longe de tudo. Eu volto a estudar, consigo me formar, arrumo um bom emprego, e nossa vida vai melhorar.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 30/06/2025.

Momentos de Dificuldades



A VIDA DAS PESSOAS É COMPOSTA de fases, até o dia que Vital obteve autorização do patrão, Sr. Nestor para viajar, e passar uma semana na casa dos pais, tudo estava correndo muito bem, depois ocorreram aqueles sonhos estranhos, que desestabilizara seu emocional, voltou ao trabalho antes do prazo previsto, tentando recolocar sua vida nos trilhos de antes, e recuperar sua paz de espírito. Infelizmente às coisas não aconteceram como queria. Naquela madrugada que saiu de casa, quando viajava pela rodovia em direção a primeira cidade, o carro da empresa que

trabalhava, praticamente novo, dirigido por ele, acidentalmente caíra em um buraco na pista, estourando um dos pneus dianteiros, comprometendo toda suspensão do veículo, que necessitou ser rebocado até a concessionária mais próxima, conforme exigiu a seguradora, e lá permanecera aguardando os serviços de perícia, depois o trabalho dos mecânicos, o carro foi liberado somente no sábado. Lembrou-se do que havia falado Débora, que ao invés de ir trabalhar, deveria procurar um médico, em verdade ainda não se sentia bem.

Na segunda-feira, mal começou trabalhar sentiu que não estava bem, não conseguiria concentrar-se, temendo não realizar um bom trabalho, e desagradar algum cliente, deliberou voltar para casa, e procurar um médico. Ao retornar à cidade, antes de ir para casa, passou na empresa que trabalhava. Foi recebido pelo proprietário, Sr. Nestor, que o aconselhou permanecer em casa por alguns dias, até que se sentisse recuperado, enquanto isso colocaria alguém em seu lugar, precisavam recuperar as vendas, daquele mês, alguns de seus fregueses haviam telefonado, que seus estoques haviam se esgotados. Pediu alguém para que o levasse até onde morava.

Pela primeira vez, sentiu que o patrão não ficara nada satisfeito com ele, o passeio, depois o acidente com o carro, haviam comprometido às vendas daquele mês. Chegou em casa, estava muito chateado e deprimido, Débora quis consolá-lo, mas estava tão contrariado, que não aceitou ouvi-la, entrou em seu quarto, trancou a porta e deitou-se para dormir e se acalmar.

A jovem esposa, foi queixar-se com a mãe, que o marido nem lhe deu atenção, entrou no quarto e trancou a porta. Dona Célia tentou acalmá-la dizendo: – Para deixar o trabalho no início da semana, e ter voltado para casa, certamente não estava bem, o melhor é você deixá-lo em paz, para não piorar as coisas, depois de descansar um pouco, certamente se levantaria melhor. Débora chateou-se com ela também, foi para o quarto da mãe, deitou-se na cama de Romilda, que estava no colégio, para também se acalmar.

Passadas duas horas Dona Célia ouviu bater palmas em frente à casa, deixou o que estava fazendo foi ver quem era, surpreendeu-se com as

presenças de Sr. Frederico e Sr. Carolino, que ela os conhecia muito bem, cumprimentou-os, convidou-os que entrassem. Sr. Frederico perguntou: — Vital se encontra em casa?

— Encontra sim, vamos entrar, ele não estava muito bem, deitou-se para descansar um pouco, vou chamá-lo.

— Talvez não seja necessário incomodá-lo, encontramos ao acaso Sr. Nestor, ele nos disse do acidente ocorrido com ele na estrada, que havia retornado para casa, por não estar se sentindo muito bem, assim que se levantar, peça a ele para ir até a Casa Espírita, queremos aplicar um passe nele, para tranquilizá-lo.

— Ele não comentou que sofreu um acidente, só disse que não estava bem.

— Segundo Sr. Nestor, o acidente não foi nada grave, apenas o carro caiu em um buraco na estrada, e precisou ser consertado.

— Os Senhores não gostariam entrar e conversar com ele?

— Melhor que descanse, depois que vá até a Casa Espírita. Um bom dia para a Senhora.

Assim que Dona Célia entrou em casa, Débora levantou-se, perguntou à mãe quem estivera lá, ela lhe explicou que se tratava dos dirigentes da Casa Espírita. Então revelou à filha, o que ouviu deles. Débora sentou-se em uma cadeira, ficou muito triste e pensativa, disse à mãe: – Às vezes não entendo Vital, não gosta de me falar sobre sua vida, quando faço perguntas, nem sempre me responde, custava ele ter me falado, que havia sofrido um acidente na estrada?

— Esse é o jeito dele, você não ouviu Dona Vitória dizer, que sempre foi diferente das outras crianças, de como ele era, depois quando jovem, que gostava de ficar sozinho, sempre lendo alguma coisa, não gostava de conversar com ninguém, ele está passando por um momento difícil, sem entender o que está acontecendo em sua cabeça, uma hora isso tudo vai passar.

Passava do meio do dia, quando Vital se levantou, na presença de Débora, Dona Célia repassou a ele, o que tinha ouvido dos Sr. Frederico e Sr. Carolino. Ele disse apenas: – Depois do almoço, vou chamar um táxi, e vou até lá.

Assim que Dona Célia foi cuidar em terminar de preparar o almoço, Débora perguntou a ele: – Porque você não me falou sobre o acidente que sofreu, com o carro?

— Porque não houve nenhum acidente, apenas cai em um buraco, e estourou um pneu da frente. Se não estou bem, é pelos mesmos motivos de antes, como já lhe falei.

— Eu posso ir com você a Casa Espírita?

— Não, prefiro ir sozinho.

Foi o suficiente para que Débora chateasse novamente, entrou em seu quarto, e lá permaneceu, Vital não foi atrás dela, almoçou na companhia da sogra, depois chamou um táxi, e foi a Casa Espírita, sem nada dizer a esposa, e isso a magoou ainda mais.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 02/07/2025.

Cura Repentina



QUANDO CHEGOU A CASA Espírita, encontrou Sr. Frederico e Sr. Carolino, conversando entretidos no escritório, foi muito bem recebido por eles, pediram para que se sentasse em uma cadeira, e explicasse o que havia acontecido. Vital fez um breve retrospecto da viagem que fizeram à casa dos pais na fazenda, os sonhos estranhos que tivera, que desestabilizaram seu estado emocional, depois a decisão de voltar ao trabalho, e os acontecimentos, que contribuíram para que seu estado nervoso piorasse, e

a impressão negativa que teve, quando o patrão Sr. Nestor, queixou-se da provável queda, que haveria nas vendas do mês, juntando tudo, sentia-se culpado, com dificuldade para superar.

Sr. Frederico que sempre foi mais próximo a ele, e o conhecia melhor, opinou: – Vital, percebemos que depois que começou trabalhar, e se casou, anda muito afastado da Casa Espírita, não devemos esquecer do que nos recomenda o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em Mateus 26.41 “Orai e vigiai”. Você bem sabe que nossa Casa Espírita em si, não faz milagres, mas aqui é o melhor local, para proferir nossas preces, fazer nossos pedidos e agradecimentos, receber o passe reconfortante, tomar água fluidificada. Volte frequentá-la, agora na companhia de sua esposa, que está grávida, e necessita de amparo e proteção, e perceberão que as coisas voltarão a normalidade. Quanto ao seu patrão, o encontramos ao acaso, conversamos sobre você, garanto que não está decepcionado com seu trabalho, pelo contrário, assim como nós, também estima muito você, está sentido pelo que ocorreu, le-

vante a cabeça, comece orar, e tudo vai voltar à normalidade. O convidamos para vir até aqui, queremos lhe aplicar um passe, para ajudá-lo libertar-se de todos os maus pensamentos.

Sr. Carolino, corroborou com o que disse o amigo: – Está na hora de você se preparar, e fazer uma outra palestra, pessoas que assistiram aquela sua preleção, vieram até mim, e o elogiaram pela veracidade de seu depoimento, sentiram sinceridade em suas palavras, comece pensar no assunto, quando estiver pronto, o escalarei para dar seu testemunho.

— Muito obrigado aos dois, vocês têm razão, andei afastado, quando me mudei dessa Casa, prometi a vocês que continuaria frequentando e participando dos trabalhos, às vezes somos relapsos com nossos compromissos, mas vou cumprir o que prometi, não por vocês, mas para meu próprio bem, e de minha família.

Depois do passe, Sr. Frederico ofereceu-se para levá-lo até sua casa, ele agradeceu, disse estar sentido melhor, e com vontade caminhar um pouco, que poderia agendar sua palestra, que no prazo de

trinta dias estaria pronto, e já havia decidido o que pretendia dizer. Os dois o abraçaram, quando se despediram.

Quem o tivesse visto chegar, e depois quando saiu, perceberia que naquele pequeno espaço de tempo, não acontecera nenhum milagre, mas perceberia pela sua fisionomia, que não estava mais deprimido como antes, tanto que antes de ir para casa, foi visitar o pavilhão onde residiam os idosos, e lá permaneceu um bom tempo conversando com eles, era o mesmo jovem gentil, e sorridente, dos tempos que lá trabalhava voluntariamente, e lia histórias, e passagens dos Evangelhos, que eles tanto apreciavam, porém alguns deles já haviam partido deste mundo, quanto a isso, nada de anormal, é assim mesmo, tudo caminha de conformidade com os sábios e justos desígnios do Criador.

Quando chegou no portão da casa, Débora foi para o quarto, ainda estava magoada, ele chegou perguntou a Romilda onde estava Débora, inocentemente sem saber o que estava acontecendo, disse displicentemente: – Estava bem aqui agora mesmo, conversando com a gente.

Dona Célia tentou consertar o mal-entendido, disse: – Débora está deitada em seu quarto, deve estar descansando ou dormindo.

Vital abriu a porta do quarto, viu ela deitada imóvel, fechou a porta com cuidado para não acordar, disse à sogra: – Quando Débora se levantar, diz a ela, que estou me sentindo bem melhor, vou dar um pulo na empresa, avisá-los que volto ao trabalho, amanhã de manhã.

Assim que ela percebeu que havia saído, levantou-se perguntou à mãe onde estava o marido, Dona Célia toda feliz disse: – Não é que Vital já está curado, foi até a Empresa, avisar que vai voltar ao trabalho, amanhã logo cedo.

— Eu não acredito, estou começando pensar que Vital é um grande mentiroso, na mesma hora que diz estar morrendo, fica bom, talvez por isso não quis me levar com ele.

Dona Célia, deu seu parecer: – Vocês dois são casados, vocês dois que se entendam, não vou me meter em vossas intrigas.

Romilda também opinou: – Eu que não estou entendendo nada, por que foi se deitar quando ele chegou?

— É melhor que você não entenda mesmo.

Não saberíamos dizer se foi por necessidade, ou teria sido intencional, Vital chegou à casa ao anoitecer, veio dirigindo o carro da Empresa, isso significava que iria ao trabalho no dia seguinte, se antes Débora já não estava nada satisfeita com o marido, agora estava furiosa, Vital totalmente recuperado, nem parecia que estivera indisposto e perturbado, foi tomar seu banho, como os demais já haviam jantado, jantou sozinho na cozinha, nem perguntou pela esposa. Depois foi até a sala ligou o aparelho de televisão, e ficou assistindo alguma coisa, o que muito raramente fazia. Débora estava em seu quarto, deitada em sua cama, esperando pelo marido para terem uma conversa séria, e ele entretido nem se lembrava de ir se deitar.

Quando foi se deitar ela já havia dormido, limitou fazer suas orações, depois deitou-se com cuidado para que não acordasse, no dia seguinte,

ainda estava escuro quando deixou seu quarto, a exemplo da vez anterior, ninguém o viu saindo.

Ao acordar Débora percebeu que o marido já havia saído, então ficou pensando, essa nossa relação não está normal, será que é pelo fato de estar grávida, que Vital está me evitando, e nem toca em mim, faltam ainda três meses para a criança nascer. Ou será que tem uma outra mulher? Levantou-se e foi falar com a mãe. Dona Célia, mesmo sabendo que ela iria se magoar, resolveu ser realista, disse à filha: – Em verdade essa situação começou quando você, quis conduzir vossa relação a sua maneira, as decisões de um casal, devem ser compartilhadas, quando um impõe sua vontade, em detrimento a do outro, começam-se os desconfortos, a parte que se sente prejudicada, vai reagir à sua maneira.

— Não estou entendendo o que a Senhora quer dizer com isso, a Senhora está insinuando que eu sou a culpada, e ele é quem está com a razão?

— Estou tentando dizer, para vocês voltarem se entender, senão as coisas em vez de melhorar, vão piorar.

Débora começou chorar e voltou para o quarto, em verdade ela estava se sentindo a prejudicada. Em sua opinião a mãe parecia sempre estar do lado de Vital, e contra ela.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 03/07/2025.

A Arte de Dosar, Conteúdo e Tempo



VITAL DELIBEROU RECUPERAR o tempo perdido, enquanto não percorreu todas as cidades, onde vendia os produtos da Empresa, não retornou, mandavam os relatórios de vendas pelos correios, aquele mês que prometia ser fraco em vendas, superou todas as expectativas, tornou-se o mais expressivo em vendas até então. Retornou à casa, depois de quinze dias, estava barbudo e meio abatido, mas aqueles sinto-

mas que o incomodavam desapareceram, como se houvesse ocorrido um milagre, por que não tomou sequer um comprimido. A raiva de Débora, chegou ao seu ponto extremo, como não conseguia reverter o estado das coisas, transformou-se em saudades, e quando o marido chegou, a encontrou completamente mudada, estava compreensiva e carinhosa.

Quem não estavam satisfeitos com ele, eram exatamente Sr. Frederico e Sr. Carolino, que não o viram a Casa Espírita, foram até à casa de Dona Célia para saber o que havia acontecido. Ficaram sabendo que tinha se recuperado e estava trabalhando. Na noite de sábado, Vital, Débora, Dona Célia e Romilda, foram assistir a palestra na Casa Espírita. Quando Sr. Carolino veio cumprimentá-los, intencionava chamar sua atenção, pelo descumprimento do prometido, mas desarmou-se quando Vital disse a ele, que já estava pronto para fazer a palestra que havia prometido, então combinaram que seria no próximo sábado.

Débora o questionou, como faria uma palestra se não havia se preparado. Vital lhe explicou que durante o tempo que esteve fora trabalhando, esco-

lhera um Capítulo do Evangelho, e todas as noites passou estudá-lo criteriosamente, considerava que estava muito bem-preparado, para comentá-lo com suas próprias palavras. Brincou com ela dizendo: – A não ser que ocorra uma pane de última hora, e esqueça tudo que estudei, mas tenho ainda uma semana para me preparar emocionalmente.

Em verdade Dona Célia estava certa, quando disse “Vocês dois são casados, vocês dois que se entendam”. A verdade é que os dois haviam se entendidos muito bem, e a solução fora sem dúvida, o concurso da distância e do tempo que os separaram, só esperamos que a convivência não desfaça o trabalho efetivado pela ausência.

Faz-se oportuno salientar que geralmente os conflitos entre os jovens casais, dá-se pelo fato de não conseguirem dominar o grande melindre que possuem arraigado em seus espíritos, formam conclusões precipitadas, e têm dificuldades em relevar pequenos deslizes, a falta de diálogo sincero, dificulta o entendimento entre as partes, gerando os desconfortos mútuos. Somente com o amadurecimento da relação, os casais adquirem gra-

dativamente o domínio desses impulsos instintivos, permitindo através da razão, a calcificação da confiança plena.

Com a saúde emocional recuperada, e os desentendimentos da relação conjugal superada, Vital foi para mais uma semana de trabalho, com o compromisso assumido, que no sábado à noite, no horário habitual, realizaria a palestra na Casa Espírita. Talvez Débora estivesse mais ansiosa que o palestrante, ela não estava presente, quando Vital fez aquela sua primeira preleção, para preencher o lugar de um palestrante, que não pode comparecer. Mas todos que assistiram, não tinham dúvidas que ele se sairia bem, possuía um vocabulário simples, mas muito bem coordenado, que conseguia fazer-se entender perfeitamente.

Inobstante Vital estivesse ausente das atividades da Casa Espírita durante aquela semana, a divulgação de sua palestra foi amplamente anunciada. Como era amplamente conhecido, esperava-se um bom público.

Aquele seria um sábado especial para Vital: pela primeira vez, realizaria uma palestra envolvendo os

ensinamentos da Doutrina Espírita. Dentre os 28 capítulos que compõem o livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, escolheu abordar o Capítulo I – “Não Vim Destruir a Lei”.

A razão para a escolha do primeiro capítulo talvez fosse o entendimento de que toda longa jornada deve começar pelo início. Para quem ainda não conhece, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* representa um valioso manancial de ensinamentos, baseados no segundo livro da Bíblia Sagrada – o Novo Testamento —, interpretado sob a ótica esclarecedora de uma plêiade de Espíritos Superiores que participaram da codificação da Doutrina.

Vital retornou na sexta-feira ao anoitecer. Como já mencionado, Débora ainda se sentia insegura quanto ao compromisso assumido pelo marido. Ele, no entanto, procurou tranquilizá-la, dizendo que se preparara adequadamente e sabia exatamente o que pretendia dizer. Mesmo assim, passou o sábado inteiro com o *Evangelho* nas mãos. Ao anoitecer, todos se vestiram elegantemente, entraram no carro da empresa e seguiram para a Casa Espírita.

Foram recepcionados pelos casais Sr. Frederico e esposa, e Sr. Carolino e esposa, que não deixaram de comentar – e elogiar – o tamanho da barriga de Débora. Ela, sorridente, mas um pouco apreensiva, revelou às duas senhoras que seu parto estava próximo, dali a dois meses, e que seria um menino. Contudo, ainda não haviam decidido o nome da criança.

Como os convidados já começavam a chegar, Sr. Carolino sugeriu que entrassem e se acomodassem em um local estratégico, para acompanharem melhor a palestra.

Pontualmente no horário previsto, Dona Márcia, esposa do Sr. Frederico, dirigiu-se à frente, cumprimentou a todos, proferiu uma breve – porém comovente – prece de abertura e, em seguida, convidou Vital para ocupar o púlpito.

Vital, aparentemente tranquilo, subiu ao palco sem carregar nenhum material. Cumprimentou a todos e, observando o auditório lotado, iniciou sua fala, explicando que abordaria o Capítulo I – “Não Vim Destruir a Lei”, do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Começou falando sobre a Primeira Revelação. Discorreu sobre a origem hebreia de Moisés e sua chegada ao palácio do Faraó. Relatou os motivos que o fizeram fugir do Egito para não ser morto, sua travessia pelo deserto egípcio e sua chegada às terras de Midiã. Comentou sobre o encontro com a família do sacerdote Reuel, pai de sete filhas pastoras, com quem Moisés se casa com a primogênita, Zípora.

Prosseguiu descrevendo sua experiência no Monte Horebe, considerado sagrado, onde ouviu a voz de Deus em uma sarça ardente. Deus lhe confere o cajado e os poderes para libertar o povo hebreu do jugo do Faraó. Vital continuou relatando as pragas do Egito, a libertação dos hebreus (aproximadamente 600 mil homens, sem contar mulheres e crianças), a travessia do Mar Vermelho, a longa jornada pelo deserto – que duraria quarenta anos – e como o povo sobreviveu à fome e à sede.

Em seguida, falou sobre o recebimento das Tábuas da Lei no Monte Sinai e a chegada à Terra Prometida, cuja ocupação foi dividida entre as

doze tribos de Israel – descendentes dos doze filhos de Jacó, filho de Isaque, filho de Abraão, a quem Deus prometera uma pátria.

A palestra de Vital estava tão eloquente e envolvente que o público, concentrado, nem percebeu que ele havia extrapolado em muito o tempo previsto. Inexperiente, Vital empolgou-se com a saga de Moisés e acabou abordando apenas parte do conteúdo do capítulo, como pretendia inicialmente. Olhou para o Sr. Carolino, que, com um discreto gesto, deu a entender que por aquela noite já estava suficiente.

Vital, então, justificou-se:

— Como o conteúdo do Capítulo I contempla outros assuntos igualmente relevantes e o tempo foi insuficiente, proponho que, assim que surgir uma nova oportunidade, possamos concluir a exposição.

Todos riram, achando a justificativa coerente. Sr. Carolino foi à frente para fazer a prece de encerramento. Antes, dirigiu-se a Vital e disse:

— No próximo sábado ainda não temos um palestrante agendado. Se estiver disponível, poderá concluir sua exposição.

Vital respondeu:

— Estarei disponível e muito agradecido. Prometo ser mais prudente e objetivo, procurando conciliar o conteúdo ao tempo disponível. Peço desculpas pelo ocorrido.

Novamente todos riram. Em seguida, Sr. Carolino proferiu a prece de encerramento e convidou todos a receberem o passe e tomarem a água fluidificada.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 05/07/2025.



Visita Inesperada



NA SEGUNDA-FEIRA PELA MANHÃ Vital foi para o trabalho, Dona Célia se ocupava com seu trabalho, Débora sentada em uma cadeira, conversava com ela, Romilda se encontrava no quarto estudando, ouviram bater palmas à frente da casa. Dona Célia deixou o que estava fazendo foi ver de quem se tratava. Abriu a porta da frente, viu um homem barbudo, envelhecido, malvestido. Aproximou-se do portão, achando que fosse um pedinte, perguntou o que desejava, ele a perguntou: – Não está me reconhecendo?

Então Dona Célia reconheceu pela voz, era seu ex-marido, Sr. Avelino, perguntou a ele: – O que você veio fazer aqui?

— Vim ver você e minhas filhas.

— Pensei que não se lembrasse mais de nós. Em verdade gostaria que já tivesse morrido.

— Antes de morrer, gostaria mais uma vez, ver você e minhas filhas, Débora e Romilda, depois vou embora.

Nesse momento saía à porta, Débora e Romilda, perguntaram a mãe: – Quem é esse homem?

Dona Célia falou: – Não o conheço.

Sr. Avelino disse: – Eu sou Avelino, vosso pai.

As duas se aproximaram do portão, o olharam de perto, mas não o reconheceram, Débora perguntou: – É verdade mamãe?

— Infelizmente é verdade, ele é vosso pai.

Débora disse a mãe: – Então o deixe entrar, pode estar com fome.

Sr. Avelino sorriu, e disse: – Não é que adivinhou, estou com muita fome, estou a dois dias sem comer nada.

— Vocês querem que eu o deixe entrar? E se depois não quiser mais sair?

— Depois que almoçar, prometo que vou embora.

Dona Célia abriu o portão, ele pegou um saco sujo, que estava no chão ao seu lado, onde continha suas poucas roupas, entrou e se sentou no sofá da sala. As três ficaram de pé o analisando, ele perguntou a Débora: – Você se casou minha filha?

— Casei-me, meu marido está trabalhando, nosso filho vai nascer daqui dois meses, será um menino.

Sr. Avelino tinha aparência de um andarilho, suas roupas, assim como ele, exalavam um cheiro forte, mistura de suor, bebida e cigarro, que fora impregnando todo o espaço da sala. Dona Célia perguntou: – Há quanto tempo você não toma um banho?

— Eu só tomo banho, quando a chuva me pega na estrada, e não tenho como me proteger.

— Você não gostaria cortar essa barba, tomar um banho e vestir uma roupa limpa?

— Não obrigado, só gostaria comer um arroz com feijão, com um bife acebolado.

— Você não quer ir se sentar em uma cadeira, lá na área da cozinha, enquanto eu preparo o almoço?

— Aqui está bom, mas posso ir, se quiser que eu vá.

— Então venha, que vou cuidar do almoço.

Assim que se sentou, Débora e Romilda se sentaram próximas a ele, Débora perguntou: – Por que o Senhor abandonou a mamãe e a gente, para viver esse tipo de vida?

— Para dizer a verdade, até hoje não sei por que agi assim, talvez por causa da bebida, e sua mãe implicava comigo, por não ter um bom trabalho, então passava os dias nas ruas bebendo. Até quando ela me expulsou de casa.

Débora ficou pensativa, depois falou: – O Senhor não gostaria morar em um lugar, onde fosse bem cuidado, comida quente, na hora certa, um quarto só para o Senhor, com cama para dormir. Teria que parar com a bebida, tomar banho todos os dias, poderia cuidar das plantas, varrer o quintal, assistir televisão, conversar com as pessoas?

— Eu não sei minha filha, que lugar seria esse que está falando?

— Lá na Casa Espírita, onde meu marido trabalhava quando o conheci, se o Senhor quiser podemos conversar com Sr. Carolino, ele é o presidente da Casa, talvez lá tenha um lugar para o Senhor ficar. Os médicos vão até lá, para examinar os moradores, levam os remédios necessários. Podemos ir visitá-lo todas as semanas. Caso não gostar poderá sair e ir embora.

— Você acha que me aceitarão, eu não sou espírita, nem tenho religião? Só sei que estou muito doente, e preciso parar de beber e fumar urgente, senão não terei muito tempo de vida.

Débora chamou a mãe, pediu a opinião dela, sobre o que achava, de telefonar para Sr. Carolino, para que viesse conhecer o pai, e pedir que o levasse para o abrigo de idosos da Casa Espírita?

Dona Célia ficou pensativa, depois falou: – O abrigo da Casa Espírita, tem regras que devem ser respeitadas, se estiver disposto aceitar e obedecê-las, acredito que não vão recusá-lo. Acho melhor eles não saberem, que um dia foi meu marido, e que é o pai de minhas filhas. O bom seria se Vital estivesse aqui, eles são muito amigos.

— Quem é Vital?

— Vital é o meu marido, trabalhou lá bastante tempo, antes da gente se casar.

— Ele é espírita?

Dona Célia respondeu: – Aqui nessa casa agora, todos somos espíritas, mas lá no abrigo da Casa Espírita, aceitam pessoas de todas as religiões, inclusive as que não tem religião. O almoço está pronto, vamos almoçar, depois ligamos para Sr. Carolino, pedimos a ele que venha até aqui, então conversaremos. Mas antes queremos saber, se está disposto a ir morar lá, e não nos causar problemas?

— Estou, preciso ser ajudado, na rua não aguentarei mais por muito tempo.

Dona Célia voltou à cozinha, fez seu prato, assim como ele havia pedido, e trouxe para que almoçasse ali mesmo. Depois convidou às filhas que viessem almoçar. As três se sentaram à mesa na cozinha, enquanto almoçavam, pediu às filhas que não dissessem ao Sr. Carolino, que aquele homem era o pai delas, não confiava mais no ex-marido, por tudo que havia feito no passado.

Depois do almoço Débora telefonou para casa de Sr. Carolino, perguntou se ele poderia vir até a casa da mãe, estavam com um problema, como Vital estava trabalhando, ele poderia ajudá-las resolver. Não demorou muito, o carro de Sr. Carolino parou à frente à casa, Dona Célia foi recebê-lo, Débora permaneceu fazendo companhia ao pai, Romilda havia saído para o colégio.

Dona Célia disse a Sr. Carolino: – Antes do almoço recebemos a visita de um Senhor, morador de rua, dizia estar com fome, não se alimentava a dois dias, Débora conversando com ele, descobriu que está um pouco doente, falou com ele da possibilidade de ir morar no abrigo da Casa Espírita, ele disse que aceitaria, caso o aceitassem, por estar necessitando de ajuda, não aguentaria mais muito tempo vivendo nas ruas, gostaríamos que o conhecesse, e avaliasse a possibilidade em poder ampará-lo.

— Onde ele se encontra?

— Está sentado lá na área da cozinha, conversando com Débora.

— Vamos então conhecê-lo.

Sr. Carolino chegou à área da cozinha, Sr. Ave-lino levantou, se cumprimentaram, Sr. Carolino começou perguntando: – Tenho andado pelas ruas dessa cidade, e não me lembro de tê-lo visto antes, onde o Senhor mora?

— Em verdade não tenho morada, minha vida é andando de uma cidade para outra, sempre encontro um filho de Deus, que me dá um prato de comida, uma roupa para vestir, para dormir procuro um lugar que seja quente e seguro. Mas não estou mais conseguindo caminhar, devido meus pés e pernas, como estava dizendo, acho que não aguentarei essa vida por mais muito tempo.

— Quantos anos o Senhor tem?

— Tenho quarenta anos.

— O Senhor bebe?

— Se encontrar alguém que paga, eu bebo até cair. Quando me oferecem um cigarro, eu aceito e fumo até queimar meus dedos.

— O abrigo da Casa Espírita, tem como objetivo, acolher idosos abandonados, dar a eles tratamentos e os cuidados necessários, esses poderão morar lá por tempo indeterminado. Mas

as pessoas mais novas como o Senhor, poderemos abrigar até se recuperem, depois tentaremos com amigos empresários, um emprego compatível, para que ganhe seu próprio sustento. O abrigo tem algumas normas, para garantir o bem-estar de todos, não é permitido uso de bebidas, fumo ou drogas. Caso o Senhor estiver disposto, obedecer a essas normas, poderei levá-lo para conhecer, se gostar poderá ficar morando lá, como lhe expliquei.

— Quando podemos ir?

— Podemos ir agora mesmo, chegando lá, tomará um bom banho morno, o cuidador cortará seus cabelos, fará sua barba, aparará suas unhas, receberá escova de dente, pente para os cabelos, roupas e calçados apropriados, pelo tempo que lá estiver.

Sr. Avelino ficou pensando, depois falou: — Esse abrigo é mantido pelo governo?

Sr. Carolino deu uma risadinha, e disse: — Bem que poderia ser, com tantos impostos que são cobrados do povo, mas esse abrigo é mantido exclusivamente, com donativos da população local, e

com os serviços de trabalhadores voluntários, que nada recebem pelo que fazem.

Sr. Carolino despediu-se de Dona Célia e de Débora, o que foi imitado por Sr. Avelino, agradecendo as duas pelo que fizeram por ele. E os dois se foram.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 06/07/2025.

O Morador Mais Novo do Abrigo



A O CHEGAREM A CASA ESPÍRITA, foram recebidos por Sr. Frederico, que respondia pelos trabalhos da Casa durante o dia, Sr. Avelino foi conduzido até o pavilhão onde residiam os idosos, que no momento eram sete. Sr. Frederico disse ao cuidador que era um Senhor moreno e bem forte: – Sr. Lourenço esse é o Sr. Avelino, queremos que o Senhor dê a ele, os

tratamentos de praxes, depois volto para ver o resultado.

Sr. Lourenço o conduziu até a antessala do banheiro, e disse: – Agora retire suas roupas, vou lhe dar um bom banho.

— Obrigado, pode deixar, eu mesmo me banho sozinho.

Não restando ao Sr. Lourenço, uma alternativa, a não ser retirar-se. Assim que Sr. Avelino abriu o chuveiro, voltou pegou as roupas que usava, deixando no lugar, o uniforme do abrigo para que ele vestisse, quando se apresentou, seu aspecto já havia melhorado. Sr. Lourenço disse a ele: – Agora sente-se naquela cadeira que vou cortar seus cabelos e fazer sua barba.

— Mas com essa navalha?

— Aqui não usamos gilete, nem barbeador, somente tesoura e navalha, por isso fique bem quietinho, posso cortar seu pescoço.

Não restando uma alternativa ao Sr. Avelino, sentar-se na cadeira, e ficar imóvel como uma estátua de bronze. Primeiramente enxugou bem sua cabeça com uma toalha, com a tesoura, pôs abaixo

sua cabeleira enrustida, em seguida com a navalha fez com capricho sua barba, foi um trabalho minucioso e demorado, mas ficou muito bem realizado, antes que se levantasse, começou cortar as unhas das mãos com um alicate apropriado, depois as dos pés. Depois dessa faxina torturante, pediu que se levantasse e fosse olhar-se no espelho. Sr. Avelino custou reconhecer-se, era um outro homem, destoava em muito dos outros internos, a faxina revelou, que era ainda um homem jovem.

Logo Sr. Frederico retornou, não o reconheceria, se não soubesse que era ele mesmo. Convidou o para uma conversa particular, pausadamente lhe explicou todas as normas do abrigo, seus direitos e suas obrigações, e o fez entender, que passaria por um período de abstinência, seria medicado para ajudar seu organismo desintoxicar-se, depois que se recuperasse, não seria difícil encontrar para ele, um trabalho digno e decente, com registro em carteira, e todos os direitos trabalhistas, de um trabalhador normal. Que procurasse participar de cursos de orientação, que eram ministrados pela Casa, no horário noturno, com um pouco de esforço pesso-

al, haveria de compreender que a vida, possui seus encantos, mas é necessário que nós mesmos os descobrimos. Quando Sr. Frederico olhou em seus olhos, percebeu que estavam umedecidos, sem imaginar que enquanto falava, Sr. Avelino pensava na filha Débora, que ao invés de repeli-lo, o tratou com muito carinho, tivera a ideia de encaminhá-lo para aquele abençoado lugar, que agora só dependeria dele sua recuperação.

Durante aquela semana não foi possível Débora ir visitar o pai, inclusive a mãe a aconselhou que não deveria, para que não levantassem suspeitas. Na sexta-feira ao anoitecer, quando Vital retornou do trabalho, Débora encarregou-se de relatar a ele, a visita do pai, que aconteceu na segunda-feira, no início daquela semana, ela praticamente o desconhecia, por que quando saiu de casa, tinha apenas quatro anos de idade, e a irmã Romilda, pouco mais de um ano. Que tivera a ideia de ligar para Sr. Carolino, e ele o levara para o abrigo da Casa Espírita.

Vital demonstrou curiosidade em conhecê-lo, mas Dona Célia, disse a ele, que preferia que ninguém soubesse que aquele homem, no passado foi

seu marido, pai de suas filhas. Que não acreditava que pudesse recuperar-se, que aqueles anos que conviveram, foram os piores de sua vida, bebia, não gostava de trabalhar, e ainda a maltratava.

Então Vital sugeriu: – Amanhã será sábado, ficou combinado que faria outra palestra, para concluir o assunto do Capítulo I, do Evangelho. O que acham de irmos um pouco mais cedo, e fazermos uma breve visita, para que eu o conheça, ninguém vai suspeitar de nada, a não ser que alguém fale.

Dona Célia justificou-se: – Se vocês quiserem visitá-lo, podem ir, eu não irei.

Débora perguntou: – A Senhora não vai assistir a palestra?

— Vou, só não irei com vocês até o abrigo dos idosos, onde ele se encontra.

Durante o sábado, Vital dedicou-se fazendo um esboço, dos assuntos que faltavam serem falados, atribuindo a cada um deles um limite de tempo, não ficariam tão bem explicado como o primeiro, mas seria a única maneira de concluir sua apresentação. Depois de ter assistido a primeira palestra, Débora não estava mais preocupada

com o desempenho do marido. Sua ansiedade agora era rever o pai, a semana toda ficara pensando nele, não saberia explicar, o que exatamente aconteceu, quando sua mãe confirmou que aquele homem era seu pai, apesar de não mais reconhecê-lo, sentiu renascer nela, todo o amor que sempre sentiu por ele, apesar de sua ausência.

Romilda não tivera a mesma sensação, não conseguiu ver nele, nada além de um mendigo, bêbado, maltrapilho e faminto, a procura de um prato de comida, que abandonara a esposa, e suas duas filhas pequenas, sem se importar com o que poderia acontecer com elas. Reapareceu do nada, depois de treze anos, dizendo eu sou vosso pai. Só queria revê-lo, para olhar em seus olhos, e saber se era capaz, de sentir um pouco do que a irmã sentira.

O sábado à noite chegou, todos se vestiram elegantemente, trancaram à casa, entraram no carro da empresa que Vital trabalhava, e foram com certa antecedência a Casa Espírita, quando lá chegaram, poucas pessoas haviam chegado, mas Sr. Carolino estava lá, e os cumprimentaram. Débora explicou que vieram mais cedo, para fa-

zer uma breve visita ao Sr. Avelino, porque Vital ficou curioso, e gostaria conhecê-lo. Os três saíram em direção aos pavilhões, enquanto Dona Célia permanecera de pé ao seu lado conversando. Sr. Carolino fez um breve comentário a respeito de Sr. Avelino, que de certa forma mexeu com seu emocional, dissera: – Ontem encontrei ao acaso Sr. Avelino, e não o reconheci, ele cumprimentou-me, pela voz lembrei-me de que era o mesmo homem que trouxera na segunda-feira. Se a Senhora o vir agora também não o reconhecerá. Depois que cortara os cabelos, tirara a barba, vestiu-se devidamente, fora possível avaliar o quanto ainda é jovem, e apresentável. Débora vai confirmar o que estou falando.

— Eu posso imaginar, ele dissera ao Senhor que tinha apenas quarenta anos.

— Pois é, mas na hora não acreditei, pensei que não estava sendo sincero.

Quando os três chegaram ao abrigo dos idosos, estavam todos sentados na sala de entretenimento, assistindo televisão, reconheceram Vital e as meninas, vieram cumprimentá-los. Então Vital per-

guntou: – Onde está o Sr. Avelino, que chegou essa semana?

O cuidador noturno, que se chamava Gerson, respondeu: – Sr. Avelino está em seu quarto, disse que ia se vestir melhor, para ir assistir a palestra no auditório.

Vital olhou para Débora, ela sorriu, Vital disse a Gerson: – Vim até aqui para conhecê-lo, podemos esperar por ele lá fora?

— Pode sim, ele logo volta.

Os três se sentaram em um banco próximo, ficaram esperando.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 07/07/2025.

O Renascer de um Novo Homem



PASSARAM ALGUNS MINUTOS, um Senhor ainda jovem, veio em direção ao banco onde estavam, um pouco ainda longe, reconheceu as filhas e sorriu para elas, Débora e Romilda ficaram em dúvida, seria aquele homem o pai delas? Ao aproximar-se perguntou: – Débora esse é o seu marido?

Débora balançou a cabeça, dizendo que sim, mas sua vontade seria abraçá-lo. Vital perguntou: – O Senhor é o Sr. Avelino?

— Sou eu mesmo, muito prazer em conhecê-lo, você se casou com uma menina de ouro.

— É verdade Sr. Avelino, o Senhor está certo.

Quando tentou falar, sua voz não saiu, começou chorar. Débora o segurou pelo braço, e disse emocionada: – Não precisa chorar meu pai, estamos felizes que o Senhor voltou.

Passou as mãos sobre os olhos, tentando enxugá-los, perguntou: – Vossa mãe não quis vir?

— Ela veio, está nos esperando em frente ao prédio do auditório.

Os quatro saíram em direção ao prédio que ficava à frente, Dona Célia continuava no mesmo lugar, que havia ficado, ao aproximarem dela, quando viu aquele homem, teve a sensação de retroceder no tempo, estava muito parecido, quando o conheceu a duas décadas atrás, Sr. Carolino estava certo, Avelino era um homem ainda jovem, e apresentável como o definiu. Chegou cumprimentou Dona Célia, estendendo-lhe a mão, ela instintivamente correspondeu aos seus cumprimentos, Vital percebendo seu constrangimento disse: – Quando chegamos lá, Sr. Avelino estava se arrumando para

vir assistir a palestra, acho que podemos entrar, para ocuparmos um bom lugar.

Sr. Avelino também emocionou ao ver a ex-esposa, bem-vestida e arrumada. Não sabemos o que passou pela sua cabeça, chamou Vital de lado, e disse a meia voz: – Acho que Célia não vai gostar, que eu entre com vocês, vou ficar mais um pouco aqui fora.

— O Senhor é quem sabe, foi um prazer conhecê-lo.

Vamos nos abster de reproduzir a palestra proferida por Vital. Como fizemos, na palestra anterior. Mas temos a obrigação em compartilhar, que o método utilizado por ele, em sintetizar o conteúdo, em conformidade com o tempo disponível, funcionou perfeitamente. Mesmo assim consideramos, que o conteúdo do Capítulo I, – Não vim destruir a lei, de O Evangelho Segundo o Espiritismo, contempla assuntos relevantes, que poderiam ser proferidos em várias palestras. Não obstante a intensidade do conteúdo, em relação ao reduzido tempo disponível, Vital conseguiu cumprir com sucesso seu objetivo, mas pecou quando

subestimou, que poderia dizer tudo que necessitava em tempo tão curto.

Sr. Avelino estava sem dúvida emocionado, ao ver sua ex-esposa, ainda jovem, bem-vestida e bonita, acompanhada das duas filhas, e do genro, igualmente bem-vestidos e bonitos, sendo cumprimentados com respeito pelas pessoas. Talvez o termo mais condizente, para expressar o que estava sentindo seria “envergonhado de si mesmo”. Enquanto ele perdera treze anos de sua atual existência, no auge de sua idade produtiva, quando gozava plena saúde, passou vagar a esmo, de uma cidade para outra, sem nada de bom produzir, para si, ou para seu semelhante, em detrimento a sua dignidade, um homem jovem e saudável, mendigando um prato de comida, um copo de cachaça, um cigarro. Nesse mesmo espaço de tempo, a esposa desprezada por ele, ficara batalhando, trabalhando com dignidade, criando sozinha suas filhas, proporcionando a elas educação e instrução, construindo uma família de verdade, digna e respeitada. Seria muita pretensão sua agora, pensar que ela pudesse ter qualquer consideração, com sua insignificante

pessoa, não pelo fato de ser pobre e sem instrução, mas pela conduta indigna, egoísta e desumana, perpetrada no passado, quando assumira a condição de marido e pai.

Mais chocado ficou quando viu Vital, o marido de sua filha, ocupar o parlatório do recinto, e falar com propriedade, sobre as revelações incontestes que Deus, proporcionou a humanidade, de Sua existência, poderes, valores e propósitos. Quando enviou a Terra, Jesus Cristo, o Espírito mais evoluído e perfeito, nascido nesse planeta, para orientar a humanidade, com um novo corolário de ensinamentos, condizentes com o nível de evolução e compreensão da humanidade naquele momento, sem derogar nenhuma de Suas Leis. Depois falar da Terceira Revelação, a Doutrina Espírita, que através de Espíritos Superiores, revelariam tudo que não pode ser revelado anteriormente, por que os homens não estariam preparados, em conhecimento, moral e justiça, para compreender.

Quando Sr. Carolino, ocupou o lugar de Vital, e proferiu uma linda prece de encerramento, convidando a todos para receberem o passe, e tomar a

água fluidificada. Sr. Avelino se levantou e voltou para seu quarto, no abrigo dos idosos. Sua cabeça não conseguia assimilar e compreender todos aqueles acontecimentos, e todas aquelas informações, como se estivesse saído de um mundo de escuridão, aberto uma porta, deparado com uma luz intensa, que havia ofuscado sua visão. Mas todo aquele que teve a oportunidade de conhecer a luz, não mais conseguirá permanecer em trevas, Sr. Avelino nesse momento entendeu, que não poderia recuperar o tempo perdido, que perdera a oportunidade, de ver suas filhas crescerem, de conquistar o amor, a admiração, e o respeito de sua esposa. De não ter construído ao menos, um pequeno patrimônio financeiro, para os dias de sua velhice. Mas uma coisa ele ainda poderia realizar, e só dependeria dele mesmo, aproveitar corretamente e com dignidade, o tempo que ainda lhe restava.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 08/07/2025.

Uma Médium Vidente



NAQUELA MESMA NOITE DE sábado, depois de encerrados os trabalhos da Casa, assim que Vital deixava o auditório, acompanhado da esposa, da sogra e da cunhada, para voltarem para casa, foi abordado por uma Senhora, conhecida deles, que se chamava Dona Genilda, disse que gostaria lhe falar em particular. Dona Genilda era médium vidente, antiga trabalhadora e colaboradora da

Casa, que participava ativamente dos trabalhos de desobsessão, que eram realizados nas quartas-feiras na Casa. Os dois foram para um lugar próximo mais reservado, perguntou a ele: – Enquanto você realizava a palestra, teria sentido ao seu lado alguma presença?

— Não senti nada, por que a Senhora está me perguntando?

— Assim que começou falar, vi um vulto ao seu lado, levantei-me de onde estava sentada, me aproximei, e identifiquei a presença de um homem negro ao seu lado.

Vital experimentou uma espécie de choque nesse momento, que foi obrigado sentar-se em uma cadeira próxima. Dona Genilda percebeu que ele ficou abalado, Vital perguntou a ela: – Como era esse homem negro?

— Era negro, alto, forte, e pelo que percebi equilibrava-se somente em uma perna, por mais que tentasse, não consegui ver sua outra perna. Permaneceu ao seu lado de quinze a vinte minutos, quando olhei já o não vi mais, havia desaparecido, e não voltou aparecer.

Vital desmanchou-se num pranto desesperado, Débora que os observavam, a não mais que dez metros de distância, percebeu que estava chorando, veio rapidamente até onde eles estavam, e perguntou: – O que aconteceu com Vital, Dona Genilda?

Vital respondeu: – Débora, Dona Genilda viu ao meu lado enquanto fazia a palestra, a mesma pessoa que apareceu em meus sonhos lá na fazenda.

Dona Genilda perguntou: – Você conhece esse homem negro Vital?

— Acho que conheço. Pelo que pude entender até agora, acredito que ele foi meu pai, em minha anterior existência.

— Como você chegou a essa conclusão?

— Essa é uma longa história que se iniciou quando eu era ainda uma criança de cinco anos. Eu conversava com pessoas, que somente eu conseguia ver, esse Senhor era o que mais aparecia para mim, conversávamos, contava-me histórias, nos tornamos amigos. Aos sete anos deixei de ter essas visagens, recentemente voltei vê-lo, em sonhos, e

nesses sonhos ele era meu pai, procurei investigar conversando com um morador antigo, que teria morado nesse mesmo lugar, nessa mesma época, mas não consegui confirmar os acontecimentos desses meus sonhos.

Dona Genilda ficou pensativa, depois falou: — Se você comparecesse na quarta-feira, em nosso trabalho de desobsessão, poderíamos evocar o espírito desse Senhor negro, e conhecer detalhes dessa história, talvez obtivesse as respostas que procura, para saber se suas suspeitas se confirmam.

— Eu poderia encontrar uma maneira, de vir participar dessa reunião, penso que conhecer mais profundamente essa história ajudaria a mim, e a ele.

Nesse momento chegaram Dona Célia e Romilda, então deram por encerrada a conversa, ficando combinado, que na quarta-feira, Vital compareceria a reunião.

Enquanto voltavam para casa o assunto que comentaram, fora a transformação de Sr. Ave-lino, quando ele chegou à casa de Dona Célia, naquela manhã de segunda-feira, tinha aparên-

cia de um velho mendigo, quem o visse agora, depois dos tratamentos recebidos no abrigo dos idosos, não imaginaria se tratar da mesma pessoa, como dissera Sr. Carolino, “revelara ser ainda um homem jovem, e apresentável”. Convenhamos qualquer pessoa saudável, devidamente cuidada e bem-vestida, aos quarenta anos, não pode ter a aparência de um velho mendigo.

Quanto a conversa que Dona Genilda teve com Vital, durante esse percurso nada foi comentado, somente no domingo, Vital na presença da sogra e de suas duas filhas, revelou na íntegra, o que Dona Genilda dissera, não havia como duvidar de suas palavras, nunca havia confidenciado a ninguém sobre Sr. Tomé, e suas características, ela o descreveu exatamente como ele sempre o via. Disse que falaria com Sr. Nestor seu patrão, e na quarta-feira viria para participar da reunião na Casa Espírita, depois posaria em casa, e retornaria ao trabalho pela manhã. Débora não disse nada, mas gostaria muito ir com o marido nessa reunião.

Dona Célia ainda continuava prestando serviços voluntários a Casa Espírita, diante da situação estava pensando não continuar, fatalmente uma hora ou outra, encontraria com Sr. Avelino, e não gostou da maneira como a olhou, apesar de também ter olhado para ele, e o analisado, e reconhecido que estava bem apresentável, não gostaria voltar falar com ele, quando ele saiu de sua vida, jurou pra si mesma, que jamais o aceitaria de volta, guardava sobre ele, profundos ressentimentos, pelos mal tratos sofridos, durante os últimos anos de convivência. Conversando com Débora, a filha sugeriu que alegasse sua gravidez, para justificar sua decisão, certamente Sr. Frederico iria compreender. Então decidiu que iria mais uma vez, quando terminasse seu trabalho, comunicaria sua decisão ao Sr. Frederico, ou ao Sr. Carolino, e se afastaria.

Na noite de quarta-feira, Vital compareceu a Casa Espírita no horário previsto, essa reunião era realizada em uma sala destinada para essa finalidade, havia uma mesa grande, com cadeiras, onde os trabalhadores se sentavam, em

um espaço afastado à mesa, umas vinte cadeiras, reservadas ao público. À cabeceira da mesa sentava-se o Doutrinador, pessoa encarregada dialogar com os espíritos que se apresentavam, incorporados ao médium. Antes da reunião começar, Vital acompanhado de Dona Genilda, falaram com Sr. Sebastião, o doutrinador, explicaram o motivo de sua presença.

No horário previsto para iniciar os trabalhos, seis médiuns ocuparam seus lugares à mesa, entre eles Sr. Sebastião e Dona Genilda. Oito pessoas, entre elas Vital, ocuparam as cadeiras destinadas ao público, as portas foram fechadas, as luzes foram apagadas, restando apenas uma ao fundo que proporcionava ao ambiente, leve penumbra. Sr. Sebastião levantou-se e proferiu uma fervorosa prece, em seguida todos os trabalhadores puseram-se em orações. Passados uns cinco minutos, um espírito manifestou-se através de um dos médiuns. O doutrinador o cumprimentou, como se ele estivesse chegando de um lugar distante, para uma breve visita, o espírito sem entender muito bem o que estava acontecendo, queixava-

-se de ter vindo parar naquele lugar. Sr. Sebastião muito calmamente foi lhe explicando onde ele se encontrava, para ter vindo até ali, certamente estava com algum problema, e necessitava ser ajudado, à princípio muito nervoso, negou que estivesse precisando de ajuda, aos poucos foi se acalmando, acabou por identificar-se, revelando seu problema, que consistia basicamente em não compreender o que estava lhe acontecendo, o doutrinador cuidadosamente lhe explicara sua nova condição, ele desarmou-se completamente e começou chorar, em seguida aceitou ser levado pelos socorristas do plano espiritual, para o local onde compreenderia o que lhe havia acontecido.

E os espíritos, a maioria deles sofredores, foram sucedendo um após o outro, faziam suas declarações, recebiam as orientações concernentes, e eram levados para seus devidos lugares, no plano espiritual. O último deles apresentar-se, através de uma das médiuns, identificou-se como Sr. Tomé. Assim que foi cumprimentado, quis logo saber por que havia sido chamado. O Doutrinador com muito jeito, dissera: “Uma pessoa que o amava,

gostaria saber, como ele se encontrava”. Respondeu: Agora estou melhor, estive por muito tempo, procurando por minha família, na fazenda onde morava, mas depois fui levado daquele lugar, e encontrei a todos, exceto meu filho Enoque, que ainda se encontra desaparecido.

— O Senhor tem consciência, que não habita mais o mundo dos vivos?

— Só quando fui levado e encontrei minha família, que compreendi, então soube que todos haviam sido eliminados, queimaram nosso barraco, enquanto todos dormiam, na noite quando procurava por Enoque.

— O Senhor tem conhecimento, que todos vocês voltarão habitar o mundo físico, onde os homens renascem para continuarem evoluindo, talvez em um futuro não muito distante? Se dissesse que seu filho Enoque, já teria voltado, o senhor acreditaria?

— Como não o encontramos, imaginamos que não tenha vindo, ou já teria vindo e voltado.

— O Senhor se lembra de conversar e contar histórias para um menino, quando vagava pela fazenda procurando pela sua família?

— Lembro-me, mas o menino cresceu, e não conseguiu mais perceber minha presença, nem ouvir o que lhe falava, mas sei que gosta e ora por mim todas as noites.

— O nome desse menino é Vital, hoje é um homem, ainda se lembra e gosta do Senhor, foi ele que pediu que o chamasse, para saber como está?

— Fico feliz em saber que se lembra e gosta de mim, o mesmo sinto por ele, e agradeço pelas suas preces. Sempre que for possível vou estar ao seu lado.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 09/07/2025.

O Espírito de Sr. Tomé à Reunião



PARA VITAL O DIÁLOGO ENTRE o doutrinador Sr. Sebastião e o espírito de Sr. Tomé, não deixou nenhuma dúvida, fora ele mesmo que estivera ali, não necessitava mais nenhuma prova, depois de muito estudar sobre o assunto, as possibilidades de ele ter sido Enoque em existência anterior, não o impressionava mais, era perfeitamente possível, e não tinha significado relevante. O mais importante é que agora ele era Vital, estava inserido em uma Doutrina Consoladora, capaz lhe oferecer mui-

tas outras respostas. Só dependeria de seu esforço e vontade própria. Entendia que esses conhecimentos, o proporcionariam condições de ser um homem cada vez melhor, em todos os sentidos, principalmente com relação aos seus semelhantes.

E as palestras seriam o meio de forçá-lo estudar, para poder transmitir às pessoas, reconhecia que tinha facilidade para falar ao público. Não obstante trabalhar o dia todo, tinha as noites disponíveis, para estudar e se preparar. Vital considerava que possuía muita fé, a presença do espírito de Sr. Tomé naquela reunião, fora para ele algo tão consistente, que reforçara ainda mais sua fé em Deus, em Suas Leis, e nas ações dos espíritos, apesar de ter pouco estudo, de ter perdido sua mediunidade, sentia-se protegido, como escreveu o Apóstolo Paulo aos Romanos 8.31 “Se Deus é por nós, quem será contra nós”.

Depois de encerrada a reunião, Vital foi para casa da sogra, onde ainda morava com a esposa, Débora o esperava, sabia que viria à reunião, depois viria para casa. Só foram dormir, depois de contar tudo que aconteceu à reunião, e acrescentou: “Que depois de tudo que presenciou, sentia-se mais alivia-

do, em saber que finalmente o espírito de Sr. Tomé, havia encontrado o seu lugar, ao lado dos espíritos que foram no passado sua família terrena”. Só não compreendia ainda, porque ele teria vindo antes.

Em seu último dia de trabalho como voluntária a Casa Espírita, Dona Célia teve a felicidade de não encontrar Sr. Avelino, mas soubera através de Sr. Frederico, que ele estava sendo muito participativo nos trabalhos do abrigo, principalmente na área externa. Havia podado as plantas, capinado e varrido tudo, voluntariamente, sem que ninguém pedisse que fizesse, e que estava participando dos eventos realizados na Casa, durante à noite. Dona Célia dissera a ele, que devido à proximidade do parto de Débora, deixaria por uns tempos, os trabalhos que realizava na Casa, mas assim que tudo se normalizasse, pretendia voltar e continuar. Sr. Frederico a agradeceu por tudo que havia feito, como colaboradora, naqueles últimos cinco anos, colocou-se à disposição dela e filha, caso viessem precisar de alguma coisa.

Como disse Sr. Frederico, Sr. Avelino estava se esforçando e demonstrando boa vontade, em cola-

borar nos trabalhos afetos à conservação e limpeza, da parte externa de todas as instalações da Casa Espírita, passados quinze dias que lá se encontrava, Sr. Carolino conversando com Sr. Frederico, decidiram chamá-lo até sua sala, para conversar com ele, sobre o que estavam pensando. Imediatamente Sr. Avelino compareceu, e ouviu deles a possibilidade de arrumar para ele, um emprego na cidade, na condição dele continuar vir posar todas as noites, em seu quarto no abrigo. Sr. Avelino ficou muito emocionado, sem saber se estava pronto para assumir responsabilidades, não queria decepcioná-los, então ficou decidido que fariam uma experiência, caso não desse certo, adiariam seus propósitos.

Os dois foram até a empresa de Sr. Nestor, falaram sobre Sr. Avelino, como estava precisando de mais um funcionário, pediu que ele viesse até a empresa, queria conhecê-lo antes, faria algumas perguntas, caso fosse convincente, o empregaria. Imediatamente decidiram resolver a questão. Voltaram a Casa Espírita, trouxeram Sr. Avelino para que ele o conhecesse. Depois de apresentá-lo, deixaram os dois a sós, e foram para antessala esperar. Depois

de conversar com Sr. Avelino por alguns minutos, pediu que deixasse seus documentos, retornasse no dia seguinte pela manhã, para começar trabalhar. A felicidade de Sr. Avelino confirmava, que naquele momento renascia nele, a oportunidade de ser um novo homem, tinha consciência que através do trabalho, recuperaria sua honra, e o devolvia a dignidade perdida.

Passados mais alguns dias, Sr. Carolino acompanhado de sua esposa Dona Celeste, passaram à casa de Dona Célia, para saber notícias, para quando seria o nascimento do filho de Débora e Vital, ficaram sabendo que faltavam menos de trinta dias. Entre uma conversa e outra, recordaram a última vez que estivera ali, para levar Sr. Avelino ao alojamento de idosos da Casa Espírita, então comentou a rápida recuperação dele, que por coincidência, estava trabalhando na mesma empresa que Vital trabalhava, e segundo informações, estavam gostando muito de seu desempenho.

Dona Célia perguntou se não havia risco de recomeçar beber, então Sr. Carolino deu seu parecer, dizendo: – Acredito que não, desde que chegou

ao abrigo da Casa Espírita, começou fazer um tratamento, e uso de um remédio incompatível com qualquer tipo de bebida alcoólica, se voltar beber vai ter sérios problemas de saúde. Temos percebido, que está muito interessado nos ensinamentos da Doutrina Espírita, e isso lhe ajudará.

Dona Célia ficou muito emocionada com o que ouviu de Sr. Carolino, que até pensou revelar, que aquele homem fez parte em seu passado, e era o pai de suas filhas, mas conteve-se, era melhor que ninguém soubesse. Pelo menos por enquanto.

Na sexta-feira quando Vital chegou do trabalho, Dona Célia perguntou, se estava sabendo se o Sr. Avelino estava trabalhando lá na empresa que trabalhava, ele dissera que não tinha conhecimento, mas procuraria informar-se, mas se fora Sr. Carolino quem dissera, com certeza seria verdade. No sábado durante o dia Vital esteve no escritório da empresa que trabalhava, e confirmara a informação. O próprio Sr. Nestor dissera que estava satisfeito com o trabalho produzido por ele, que chegava no horário, era dedicado e atencioso, havia aprendido com facilidade suas tarefas.

Assim que chegou à casa de volta, aproveitou que as três estavam na cozinha, e repassou a informação na íntegra. Débora ficou feliz em saber sobre o pai, Romilda manteve-se indiferente como sempre. Dona Célia, não disse nada, portanto não sabemos o que se passou em sua cabeça. Mas à maneira como se arrumou à noite, para irem assistir à palestra, pensamos que gostaria que o ex-marido a visse novamente, por que assim como as filhas, estava também muito bonita.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 11/07/2025.



Laços de Família



DEPOIS DAQUELA REUNIÃO com a equipes de desobsessão, à Casa Espírita, Vital sentiu-se mais aliviado, como se tivesse cumprido etapa importante, das descobertas que pretendia. Não sentia necessidade de ir mais além. O passado era uma página virada, o que conseguira descobrir, apenas fragmentos de acontecimentos, que todos aqueles que pesquisarem sobre o passado vão descobrir. No passado as injustiças aconteciam ainda mais frequentes que atualmente, principalmente contra as pessoas pobres, que dependiam dos supostos

poderosos. Hoje sabemos que esses supostos poderosos, pagaram ou estão pagando pelos maus usos, e pelos abusos, que fizeram de seu poder temporário transitório. Quando passamos conhecer, acreditar, confiamos nas Leis Divinas, sabemos que são autoaplicáveis, e ninguém consegue ludibriá-las, por serem infalíveis. Não compete a nós fazer justiça.

Quando as religiões conseguirem conscientizar seus fiéis, que todos indistintamente responderemos pelos crimes cometidos, seja nessa ou em outra existência, obrigatoriamente teremos que ressarcir, em detrimento de nós mesmos, a parte que fora lesada, o candidato a infrator, pensaria duas vezes antes de impetrar seu crime.

Naquele sábado assim que Vital chegou a Casa Espírita, acompanhado da esposa, da sogra e da cunhada, não tiveram como evitar o encontro com Sr. Avelino, que veio em direção a eles cumprimentando-os, pegando na mão de todos, depois perguntou a Vital, se seria ele o palestrante da noite. Vital dissera que não, que naquela noite apenas assistiria a palestra. Depois perguntou, para que os quatro ouvissem: – Eu poderia me sentar ao vosso lado para assistir a palestra?

Todos se olharam, como ninguém disse nada, Vital respondeu: – Pode sim Sr. Avelino, vamos entrar para ocuparmos um bom lugar.

Os cinco entraram, encontraram uma sequência de cinco cadeiras desocupadas, se sentaram, Sr. Avelino sentou-se em uma das extremidades, ao lado de Vital. Então Vital o perguntou: – Soube que o Senhor, está trabalhando na Indústria de queijos e derivados de leite, do Sr. Nestor Ferrari?

— Estou, agora aprendi a fazer queijos.

— Eu também trabalho na empresa de Sr. Nestor, desde que deixei o trabalho voluntário na Casa Espírita.

— Mas nunca o vi lá trabalhando?

— Trabalhei nos serviços internos apenas dois meses, depois passei a ser vendedor, percorro as cidades da região, vendendo aos supermercados, tudo que é produzido na empresa, viajo praticamente a semana toda, só fico em casa nos finais de semana. E aí, está gostando do trabalho?

— Foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida, o patrão e o pessoal que trabalha lá, são muito bons, até agora não tenho do que me queixar, vou fazer o máximo para corresponder a confiança que

depositaram em mim, principalmente Sr. Frederico e Sr. Carolino, que são duas excelentes pessoas.

Nisso uma Senhora ocupou a parte da frente, cumprimentou a todos, proferiu a prece de abertura, assim que terminou, convidou o palestrante da noite, para vir ocupar seu lugar e discorrer sobre o assunto que escolhera para falar. As cadeiras alinhadas, não permitiam que Sr. Avelino olhasse para Dona Célia, mas na hora que se encontraram, antes de entrarem para o auditório, puderam se olhar frontalmente, mesmo não querendo demonstrar nenhuma pretensão, aqueles seus olhares, ressuscitavam reminiscências, dos tempos que eram jovens, e acreditavam que o que um sentia pelo outro, era um amor que duraria para sempre, apesar de cada um deles ainda sentir a mesma impressão, um abismo de infelizes reminiscências ainda os separava.

Esse tipo de atração é difícil de se explicar, somente quem a vivência entende o poder que exerce sobre o psiquismo da pessoa. Sr. Avelino um homem ainda jovem, que por opção, em um momento infeliz de sua vida, movido pelo poder destrutivo do vício da bebida, pelo desinteresse ao trabalho, deci-

diu manter-se na ociosidade improdutiva, vagando à deriva, sem nenhuma responsabilidade. Depois de treze anos, percebera o tempo perdido, que aquele estilo de vida, não tinha nenhum sentido, incapaz de proporcionar qualquer tipo de satisfação pessoal. Reencontra o amor do passado, percebe que essa mulher se manteve íntegra em sua ausência, conservava ainda, aqueles atributos que o cativara no passado, assim como ele, também se encontra sozinha e solitária. Acredita, se tiver força de vontade, perseverança, conseguir transformar-se, provar para ela, ser um novo homem, poderá reconquistá-la.

Dona Célia, percebera que aqueles que seriam os melhores anos de sua vida não voltariam mais, reencontrara o único amor de sua vida, com quem havia se casado, pai de suas duas filhas, em situação degradante, que a partir desse reencontro, ele demonstra mudar seu estilo de vida, motivado pela sua presença e de suas duas filhas, resolve abandonar o vício da bebida, readquirir sua dignidade através do trabalho enobrecedor e da responsabilidade. Enxerga que as filhas, logo terão suas próprias vidas, vê ao longe a velhice inevitável, lhe aceitando cada vez mais próxima. Se pergunta: Porque não

dar a si, uma segunda chance? Mas isso só vai acontecer, quando Sr. Avelino fizer por merecê-la, mesmo assim considera essa possibilidade muito remota.

Assim que a palestra e os trabalhos da Casa se encerraram, saíram todos juntos, ao aproximarem do carro Sr. Avelino reconheceu o carro, pintado com as cores e o nome da empresa, que agora também trabalhava, antes de se despedir de todos, perguntou a Débora, para quando estava previsto o nascimento da criança. Ela respondera que estava próximo, aquele fora o último sábado antes do parto, que viria assistir a palestra. Ele desejou-lhe que Deus a abençoasse, que confiasse em Deus, e tudo iria correr bem. Ela o abraçou e beijou-lhe o rosto, não se importando, com o que as pessoas iriam pensar. Despediu-se dos demais e voltou para o alojamento. Chegou em seu quarto, sentou-se na cama, ficou pensando na grandiosidade do espírito de Débora, era de fato uma menina muito humilde e especial.

A mãe e o marido, não a censuraram, por tê-lo abraçado e beijado o rosto em plena rua, fora um gesto espontâneo, que na condição de filha, a muito gostaria fazer. O que fez Romilda refletir, em sua ma-

neira indiferente de tratá-lo, pois até então, não tinha tido a capacidade de ser gentil com ele, mas compreendeu que estava na hora de mudar sua postura. Em casa no quarto, Romilda perguntara a mãe, o que havia achado da atitude de Débora, ter abraçado o pai, na rua, onde com certeza muitos viram?

Dona Célia usando de sinceridade, respondeu: — Quando seu pai foi embora de casa, Débora tinha quatro anos, você tinha apenas um ano, talvez por ser mais velha que você, e ter convivido com ele mais tempo, desenvolveu por ele o sentimento filial, tanto que foi ela que pediu que o deixasse entrar, quando estava ao portão de nossa casa, depois telefonou para casa de Sr. Carolino, para leva-lo ao alojamento da Casa Espírita, Débora consegue ver e sentir por ele o amor de filha, que nasceu quando era ainda criança, enquanto você não teve a mesma oportunidade, era apenas um bebê.

— A Senhora ainda gosta dele?

— Apesar de tudo que aconteceu, gostaria muito que deixasse a bebida, voltasse trabalhar, ser um homem de bem, se ele fizer isso por nós, sei que posso voltar gostar dele, ainda não sei se voltaria ser sua mu-

lher. Tenho medo de que ao meu lado volte fraquejar, e tenha que reviver o drama de uma nova separação.

No quarto antes de se deitarem, Débora perguntou ao marido, se não havia achado ruim, por ela ter abraçado o pai em plena rua? Ele respondera: – Se não soubesse que era seu pai, com certeza não teria gostado. Em verdade não entendo as razões de sua mãe, em não querer revelar, que ele foi seu marido, e é o pai de vocês. Será que sua mãe, tem vergonha por ele ter sido um andarilho?

— Isso eu não sei. Eu não me importaria, se as pessoas soubessem que ele é meu pai, melhor do que não ter um pai.

— Para dizer a verdade, eu gostei dele, acho que nos entendemos muito bem.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 12/07/2025.

Almoço em Família



FINALMENTE HAVIA CHEGADO o dia previsto, para a criança nascer, no dia anterior Vital retornou do trabalho, ficou em casa ao lado da esposa, esperando pelo momento de levá-la ao Hospital, e nada aconteceu. À noite Débora o acordou, dizendo estar sentindo dores, imediatamente chamou Dona Célia, e foram os três, para o Hospital Maternidade. Na madrugada, bem antes do dia amanhecer, nascia um lindo menino, muito bonito e saudável. Dona Célia sempre ao lado da filha, assim que foram levados para o quar-

to, foi permitida a entrada do pai para ver a esposa e a criança, Vital entrou no quarto, abraçou a sogra, a esposa, começou chorar quando viu o filho dormindo no berço, quis pegá-lo, a enfermeira o impediu, e pediu que saísse imediatamente, ou chamaria o segurança. Vital estava muito emocionado e feliz, que gostaria abraçar alguém, e dizer que seu filho havia nascido, lembrou-se de Sr. Avelino. Imediatamente saiu do Hospital, pegou o carro, foi até a Casa Espírita, estava ainda escuro, quando bateu na porta de seu quarto, Sr. Avelino acordou assustado, abriu a porta, Vital entrou abraçando-se a ele, dizendo que seu neto havia nascido. Sr. Avelino também se emocionara, e os dois começaram chorar de alegria. O barulho acordou Gerson, o cuidador noturno, que veio saber o que estava acontecendo, quando soube o motivo do barulho, os convidaram para irem até a cozinha, faria um café bem caprichado, para comemorarem, ou acordariam todos os internos.

Depois de tomarem o café, Vital levou Sr. Avelino até a empresa para trabalhar, lá chegando foi até o escritório de Sr. Nestor, e dera a notícia de que o filho havia nascido naquela madrugada, Vital ti-

nha apenas dezenove anos, só depois de ter visto o filho dormindo no berço, deu-se conta que agora era pai, e se encontrava ainda abobalhado, pela emoção que havia sentido, seu desejo era leva-lo até a fazenda onde nasceu, para mostra-lo a seus pais, então foi até à casa da sogra, escreveu uma carta endereçada aos pais, dando a notícia do nascimento do filho naquela madrugada, sem revelar o nome que colocariam na criança, pois até aquele momento, não haviam decidido, foi até os correios postou a carta e voltou para o Hospital. A enfermeira quando o viu cabisbaixo na sala de espera, foi até ele, disse que poderia entrar no quarto, para ver a esposa e o filho, mas para ver somente com os olhos, sem pôr as mãos na criança, ele concordou, e foi vê-los novamente.

O nascimento de um filho, é um acontecimento que dificilmente o pai e a mãe esquecem, principalmente o primeiro filho, os pais sentem vontade de dizer à ele um monte de coisas, por que agora ele faz parte da família, então percebe que ele ainda não entende nada, a única coisa que sabe fazer é chorar, e como chora um recém-nascido, e os pais passam

viver em função daquele pequeno ser, e aquele pequeno ser, torna-se um grande motivo para se viver, e a vida passa ter outro sentido.

Passados dois dias, Débora recebera alta do Hospital, Vital os levaram para casa, só então pode pega-lo com muito cuidado, e dessa forma, aquele pequeno ser, que agora se chamava Bruno Nunes Coelho, seria o centro das atenções de todos daquela casa, mas Vital teria que voltar ao trabalho, e lá na empresa encontrara Sr. Avelino, dissera a ele que gostaria muito conhecer o neto, então Vital dissera, que no próximo final de semana, quando estivesse em casa, falaria com a sogra, prepararia o terreno, e poderia ir no domingo pela manhã, e ficar para o almoço. Sr. Avelino dissera a ele: – Estou muito orgulhoso de ter você como meu genro.

Vital dissera a ele: – Estou procurando uma casa para comprar, através de um financiamento bancário, quando estivermos morando em nossa casa, poderá visitar-nos quando quiser.

— Obrigado, eu não me enganei sobre você, é o genro que todo sogro gostaria ter.

Na sexta-feira à tardinha Vital retornou do trabalho, depois de matar a saudade do filho e da esposa, foi falar com Dona Célia, sobre o convite que fizera ao Sr. Avelino, de almoçar com eles no domingo, quando viria conhecer o neto. Não saberíamos dizer se gostou ou não, porque não fez nenhum comentário, Débora demonstrou ter gostado em saber, que o pai viria visitar, e conhecer o neto, como sempre Romilda manteve-se alheia, seu silêncio fizera entender, que ainda tinha dificuldade aceitar Sr. Avelino, como sendo seu pai.

Vital revelou a Débora, sua intenção de comprar uma casa para eles morarem, ela o questionou, querendo saber, com que dinheiro faria isso, lhe explicou que tinha suas economias depositadas no Banco, onde a empresa depositava seu salário, por essa razão lhe concedia, a possibilidade de pleitear financiamento para aquisição da casa própria, sem entender muito bem como seria, perguntou se não estava gostando em morar ali, na casa de sua mãe, ele respondeu: – Não é por isso, mas

temos que começar pensar em nosso futuro, agora temos um filho, financiar um imóvel, é um investimento para o futuro, sem falar que necessitamos nosso espaço, para receber nossos amigos e parentes.

— Você tem razão, aqui na casa da mamãe, não é possível fazer isso, penso que é melhor do que alugar uma casa, pelo menos pagaremos uma casa que é nossa.

— Exatamente, é isso que também penso.

No domingo as dez horas da manhã, Sr. Avellino chegou à casa de Dona Célia, bateu palmas, Vital apareceu para recebê-lo, o cumprimento e convidou para entrar. Ele um pouco sem jeito, trazia nas mãos uma pequena sacola. Entrou, ambos se sentaram no sofá da sala. Levantou-se entregou a Vital a sacola, dizendo: – Trouxe um presentinho para meu neto, como ele se chama mesmo?

— Entre tantos nomes, decidimos, e o registrei com o nome de Bruno Nunes Coelho.

— Achei um bonito nome.

— Obrigado pelo presente, vou pedir que Débora traga-o aqui, para que o veja.

Levantou-se foi até o quarto, entregou a sacola para esposa, e disse: – Seu pai trouxe um presente para o Bruno, depois leve-o lá na sala, para que o veja.

— Vou terminar de arrumá-lo, logo o levarei.

Dona Célia estava na cozinha preparando o almoço, havia percebido que seu ex-marido tinha chegado, conversava com o genro na sala. Sabendo da visita, assim que se levantara pela manhã, vestira uma roupa mais condizente, Romilda que estudava, sentada em uma cadeira, na varanda da cozinha, fechou o caderno, foi até a sala para cumprimentá-lo. Sr. Avelino havia percebido que ela o tratava com certa indiferença, bem diferente dos modos de Débora, ela aproximou-se, estendeu a mão, e disse: – Bom dia.

Ele levantou-se, pegou em sua mão, retribuindo o cumprimento. Ela foi até à porta da sala, que dava acesso ao portão, olhou para fora, depois retornou para continuar estudando, na área da cozinha, sem mais nada dizer. Romilda era praticamente uma moça, logo completaria quinze anos. Não obstante Sr. Avelino, ser um homem ainda jovem, de boa

aparência, ela não conseguira assimilar a ideia, que aquele Senhor era seu pai. Desde sua infância alimentou seu pensamento, de que não tinha pai, porque a mãe evitava, e não gostava falar sobre ele.

Logo Débora chegou trazendo o pequeno Bruno envolto em cobertas, somente o rostinho e a cabeça amostra, cumprimentou ao pai, o abraçando levemente, Vital o pegou de seus braços, sem que ele acordasse, apesar de poucos dias de nascido, era uma linda criança. Segundo a mãe, raramente chorava, exceto quando estava com fome, ou quando sentia alguma dor na barriga, sanado o desconforto, logo voltava dormir. Era visível que Sr. Avelino estava emocionado, não somente pela presença do neto, mas também por perceber a felicidade da filha e do genro.

Sr. Avelino somente viu Dona Célia, quando foram para cozinha almoçar, um detalhe de que ela não se esqueceu, um dos pratos sobre a mesa, continha bifés acebolados, assim como sugeriu no dia em que chegou a sua casa. Cada um ocupou seu lugar à mesa, o almoço apesar de ser simples, estava muito delicioso, Dona Célia era excelente cozinheira.

Durante o almoço pouco se falaram, Sr. Avelino elogiou o tempero de Dona Célia, que obteve o apoio do genro. Depois do almoço, Sr. Avelino e Vital, voltaram para sala para continuarem conversando, Dona Célia permaneceu na cozinha, cuidando da arrumação, Débora foi para seu quarto, para junto do filho, e Romilda entrou no quarto onde dormia com a mãe. Dessa forma transcorreram aquele almoço de domingo em família.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 14/07/2025.



Problemas Familiars



NAQUELE MESMO DOMINGO, depois que Sr. Avelino foi embora, Vital convidou a esposa e a sogra para conhecerem um imóvel residencial que estava à venda, naquele mesmo bairro, cujo valor era compatível com seu limite de financiamento, deliberado pelo Banco, onde mantinha sua conta corrente, e suas aplicações. Apesar de ser uma boa casa, não agradou a Débora, seu desejo seria morar mais próximo ao centro da cidade. Dona Célia discordou da filha, usando como argumento, se comprassem

aquela casa, ficaria mais fácil, para ir visitar e ajudá-la, mesmo assim não a convenceu. Voltaram para casa, sem nada decidir, Vital não queria contrariar a esposa. Explicou a ela que os imóveis mais bem localizados, eram também mais valorizados. O melhor a fazer, seria continuar procurando, quem sabe encontrariam um que pudessem adquirir.

Sr. Avelino não disse nada a Vital, mas foi embora decepcionado com o tratamento recebido de Dona Célia, como se fosse para ela uma pessoa não bem-vinda, em verdade só aceitou sua presença em sua casa e na mesa de almoço, porque fora convidado pelo genro. À noite em um momento que Débora não estava presente, pediu a ele que não mais fizesse aquele tipo de convite. Vital justificou-se dizendo: – Esse é o principal motivo, porque pretendo adquirir uma casa para morar, com minha esposa e meu filho, tenho amigos frequentadores da Casa Espírita, e amigos de trabalho, sem esses amigos não teria conseguido ser o pouco que sou, gostaria que viessem passear em nossa casa com suas famílias, seria uma maneira de Débora fazer amizades, afinal vivemos em sociedade.

Dona Célia, não disse nada, mas o genro estava certo, todo casal necessita ter seu próprio espaço, em verdade não havia pensado nisso, estava se referindo, exclusivamente à presença de Sr. Avelino, seu ex-marido, que de certa forma, não queria que se aproximasse dela, pelo menos por enquanto.

A fazenda Beira Rio, de propriedade de Dr. Germano Queiroz, há algum tempo vinha apresentando sinais, que as coisas não andavam muito bem, lá na cidade. A venda contínua de animais, sem efetuar as devidas reposições, foram provocando a redução do rebanho bovino, e a venda de algumas áreas de terras da fazenda à vizinhos confrontantes, era um sinalizador preocupante. Algumas famílias foram demitidas e se mudaram, ficando apenas a família do gerente da fazenda, e a família de Sr. Custódio, para cuidar do que restara. Logo ouviu-se dizer que a fazenda seria dividida ao meio, Dr. Germano e a esposa Dona Virginia, teriam se separado conjugalmente.

Dona Virginia teria descoberto que o marido tinha uma outra família, esposa e filhos, um

caso extraconjugal muito antigo, que mantinha às escondidas em uma cidade vizinha, que vinha a algum tempo, delapidando o patrimônio que herdara do pai, em benefício da concubina. Era um fato conhecido por muitos, mas somente agora descoberto pela esposa e os filhos. Que não pensaram duas vezes, Dona Virginia imediatamente o expulsara de casa, e dera entrada ao pedido de separação conjugal, pelas vias do judiciário, não lhe restando outra opção, pegara suas coisas e se mudou para casa da outra mulher. Não obstante Dr. Germano Queiroz, ser considerado um homem bastante rico, e conceituado advogado criminalista, sua reputação havia sido atingida em cheio, nos aspectos moral, profissional e financeiro.

Com a divisão da fazenda, e a venda do restante do gado, Sr. Custódio, Dona Vitória, e os dois filhos, decidiram mudarem para uma outra propriedade rural, onde pudessem continuar trabalhando normalmente, mas depois de muito procurarem, não encontraram nada que os interessassem. Vital fora informado da difícil situação de sua família, através de cartas, então sugerira utilizando a mesma

via, que viessem para mesma cidade onde morava, comprassem uma casa com o dinheiro que haviam economizado ao longo da vida, e se mudassem. Não seria difícil para o pai e os irmãos encontrarem algum tipo de trabalho.

Apesar do empenho de Vital, o pai e os irmãos acharam que não estavam preparados, para morar e trabalhar na cidade, seria uma decisão que poderia não dar certo, decidiram comprar uma casa no vilarejo que ficava próximo, e trabalharem como diaristas nas fazendas, como faziam os demais moradores da localidade.

E o tempo fora passando célere, Vital na companhia da esposa, nos finais de semana, continuaram procurando pelo imóvel ideal, e acabaram encontrando uma boa casa, em um bairro não muito distante do centro da cidade, assim como gostaria Débora. Conseguindo a documentação necessária, o pedido de financiamento fora aprovado. Com os recursos que possuíam, Vital e Débora compraram os móveis básicos, e se mudaram da casa de Dona Célia. Quando se mudaram o filho Bruno, havia com-

pletado cinco meses. Dessa forma começava uma nova etapa, em suas vidas.

Sr. Avelino se encontrava praticamente recuperado, não mais voltou a beber, nem deixou seu trabalho, continuava morando no abrigo da Casa Espírita, Vital com o consentimento de Débora, o convidaram para que viesse morar com eles. Por esses tempos, já era de conhecimento das pessoas, principalmente das que frequentavam a Casa Espírita, e do local onde trabalhava, que fora no passado, marido de Dona Célia, e era o pai de suas duas filhas, por essa razão Dona Célia, que não mais prestava seus serviços voluntários a Casa Espírita, devido a presença do ex-marido, deixou de frequentá-la de vez. Enquanto Sr. Avelino, cada dia mais se revelava um assíduo frequentador, e dedicado colaborador.

Durante esse tempo todo Sr. Avelino, tentou reaproximar-se de sua ex-mulher, sem obter nenhum resultado, colhera somente humilhações, percebeu que não conseguiria reconquistar nem a ela, nem a filha Romilda, acabou por desistir. Assim que foi morar com a filha Débora e o gen-

ro Vital, a quem tinha pelos dois, elevado apreço, provocou o afastamento de Dona Célia, com relação a eles. Dessa maneira a pequena família naquele momento, ficara dividida. Não obstante os esforços de Vital e Débora, não lograra nenhum êxito, Dona Célia não conseguira perdoar o ex-marido.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 16/07/2025.



O Oculto Sendo Descoberto



FAZ-SE OPORTUNO ESCLARECER que Dr. Germano e Dona Virginia, tiveram quatro filhos, sendo dois filhos e duas filhas. Quando ocorreu a separação dos pais, todos haviam se formados, os três mais velhos já estavam casados, moravam e trabalhavam em outras cidades maiores. Apenas o caçula que havia se formado em Direito, era solteiro, e morava com os pais, chamava-se Dr. Leandro, pretendia seguir a profissão de advogado como o pai.

Quando Dr. Germano conheceu Dona Irene, a outra mulher, ela bem mais jovem que ele, era mãe

solteira, tinha uma menina, depois tiveram mais um filho, Dr. Germano registrou as duas crianças igualmente, como sendo seus filhos. Durante os anos que viveram esse romance às escondidas, comprou e deu a Dona Irene, alguns imóveis residenciais de valor. Assim que o caso fora descoberto, passou morar com Dona Irene e os filhos. Depois do encerramento do processo de separação, e partilha dos bens, ocorreria uma fatalidade, um acidente de trânsito com a camioneta de Sr. Germano, em uma rodovia, ceifaria a vida dele e de Dona Irene, ficando as duas crianças sob a guarda dos avós maternos. Isso tudo acontecera muito rapidamente, depois da separação.

Fazia um ano que Sr. Custódio, Dona Vitória e os dois filhos, haviam mudado da fazenda Beira Rio, para o povoado próximo, o mesmo onde morava há alguns anos Sr. Valdir Arantes. Sr. Custódio ficara sabendo, que Sr. Arantes, como era conhecido, o qual já o conhecemos também, a seis meses estava enfermo sobre uma cama, não mais andava, e não morria. Como Sr. Custódio o conheceu quando a muito tempo atrás, morou na fazenda de Dr. Germano, resolveu visitá-lo.

Chegando em sua casa, foi recebido por uma Senhorinha de idade avançada, chamada Dona Maria, que cuidava do enfermo, apresentou-se, e perguntou sobre a saúde de Sr. Arantes, ela disse que apesar de estar lúcido, não mais conseguia levantar-se da cama. Sr. Custódio foi até seu quarto, o cumprimentou, ele o reconheceu e começaram conversar, acabou ouvindo dele a seguinte história:

— Fiquei sabendo que Dr. Germano separou-se da esposa, repartiram o que restou da fazenda, depois sofreu um acidente na rodovia, e morreu juntamente com a amante?

— Foi exatamente assim, que fiquei sabendo que aconteceu.

Sr. Arantes continuou: – Algum tempo atrás, estive aqui um rapaz, que não lembro mais seu nome, querendo saber dos acontecimentos, ocorridos na Fazenda, nos tempos do Coronel Paulo Queiroz, dizendo que pretendia escrever essas histórias, e publicar em um livro. Como eu havia feito um compromisso com Dr. Germano, em não revelar nada do que sabia, sobre os crimes cometidos a mando do Coronel seu pai, caso ele me desse o

dinheiro para comprar uma casa, como ele me pagou, comprei essa casa onde moro. Disse ao rapaz que não me lembrava mais dessas histórias. Agora que Dr. Germano morreu, alguma coisa me diz, que preciso dizer a alguém, tudo que sei, para poder morrer em paz, e depois pagar pelo que fiz de errado, junto a Justiça de Deus.

Sr. Custódio, disse: – Eu conheço esse rapaz, chama-se Vital, esteve em minha casa na Fazenda, procurando pelo Senhor, inclusive fui eu quem lhe falei que morava aqui na vila. Caso o Senhor queira, tenho como avisá-lo, para vir até aqui, para conversarem?

— Seria uma caridade de vossa parte, não aguento mais ficar prostrado sobre essa cama, não sinto nenhuma dor, mas não consigo me levantar, nem saro, nem morro, só o remorso me martirizando noite e dia.

— Vou entrar em contato o mais rápido possível com Vital, se disser que poderá vir, venho avisá-lo.

Despediu-se e voltou para casa. Contou a Dona Vitória sobre a conversa que tivera com Sr.

Arantes, à princípio ela não queria que avisasse o filho, como o marido insistiu, dizendo que Vital, iria gostar em conhecer o que de fato havia acontecido, ela deu a ele o número do telefone da empresa onde o filho trabalhava.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 17/07/2025.



EPÍLOGO



NA SEXTA-FEIRA À TARDE quando Vital voltou do trabalho, passou na empresa para deixar os relatórios de vendas, como sempre fazia, ficou sabendo através do Sr. Nestor, que seu pai havia ligado e queria falar com ele. Preocupado retornou à ligação para uma casa vizinha, Sr. Custódio foi até lá e falou com o filho, do que se tratava. Vital ficou pensativo, mesmo indeciso, disse ao pai, que iria no sábado

bem cedo, iria com Débora e levaria o filho para que o conhecessem. Aproveitou a presença do patrão, pediu permissão para usar o carro da empresa, para ir até onde os pais moravam.

Chegando em casa, dissera a esposa e ao sogro que no dia seguinte, iriam até onde seus pais moravam, levariam o filho Bruno, para que o conhecessem, sem revelar o verdadeiro motivo. Durante a viagem no sábado pela manhã, então explicou a Débora e ao Sr. Avelino, o motivo daquela viagem repentina. Antes das dez horas da manhã, chegaram à vila. Sr. Custódio, Dona Vitória, e os filhos, ficaram felizes em receber a visita de Vital, acompanhado de Débora, do filho Bruno e de Sr. Avelino, que ainda não os conheciam.

Sr. Custódio revelou na íntegra a Vital, toda conversa que manteve com Sr. Arantes, com a morte de Dr. Germano, estaria precisando revelar, tudo que presenciara, que não o fizera naquela ocasião, devido o compromisso assumido, mediante o valor recebido. Então Vital disse ao pai, que iria sozinho à casa do Sr.

Arantes, pretendia apenas elucidar o caso Sr. Tomé, os demais acontecimentos, não lhe interessavam saber.

Chegou à casa foi recebido por Dona Maria, que o conduziu até o quarto, onde se encontrava Sr. Arantes, que o esperava, conforme havia informado Sr. Custódio. Vital o cumprimentou, e foi reconhecido por ele, apesar de estar bem debilitado e fragilizado, demonstrou que possuía perfeita lucidez, quando disse: – Naquela ocasião que estive aqui, não podia dizer tudo que sabia, não pelo fato de ter participado dos crimes cometidos, mas em obediência ao compromisso que assumi com Dr. Germano, agora que ele morreu, não tenho mais compromisso, e nem devo mais nenhuma obediência a ele.

Antes que Sr. Arantes começasse narrar qualquer coisa, Vital disse a ele: – Em verdade toda aquela conversa de publicar as histórias, fora um pretexto de minha parte, vim até aqui para saber somente, como se deu a morte de Sr. Tomé e de seu filho Enoque, essa história elu-

cidaria um sonho que tive. Não pretendia nem pretendo, revelar a ninguém os crimes acontecidos naquela Fazenda, à época do Coronel, pai do Dr. Germano.

— Mas já que se deu ao trabalho de vir até aqui para me ouvir. Vou te confessar que participei, a mando do Coronel Paulo Queiroz, de quase todos os crimes que lá foram cometidos. Depois de trabalhar alguns anos para o Coronel, tornei seu homem de confiança, e me orgulhava disso, minha única ocupação, liderar um grupo de matadores, e matar pessoas, homens, mulheres, jovens e crianças, queimar seus corpos ou jogá-los ao rio. Fui eu quem amputei a perna do negro Tomé com o machado, não era essa minha intenção, ele havia matado dois de meus homens com sua foice, quando virou para atacar meu terceiro homem, era minha única chance, o ataquei pelas costas, com o machado, com a intenção de mata-lo, ou mataria a todos nós, assim que ele caiu sem uma das pernas, percebi que estava dominado, fui até seu filho que estava próximo, atado pelas mãos e pés, para que

ele visse, bati com o olho do machado, usando toda minha força, em sua cabeça, ele nem se moveu. Deixamos os quatro lá estendidos, o negro Tomé ainda agonizava, eu e o companheiro que havia salvado de sua foice, na escuridão da noite, fomos até o barraco onde ele, morava com sua família, ateamos fogo, na cobertura de sapé, fomos embora, não ficamos para ver o que aconteceu. A respeito desse caso, é isso que consigo me lembrar.

— Sr. Arantes, não vou entrar em detalhes sobre o sonho que tive, o Senhor não entenderia, mesmo se entendesse, talvez não acreditaria. O que tenho a lhe dizer, que o que me disse esclareceu todas as minhas incertezas. Sou seguidor da Doutrina Espírita, a alguns anos, por mais que eu tenha estudado, devido nossa limitação em conhecimentos, e nossa fé ainda frágil, somos ainda incrédulos, precisamos ver para crer, e muitos mesmo vendo, não conseguimos acreditar, a autenticidade desse sonho, provou-me que os ensinamentos dos espíritos são verdadeiros.

Sr. Arantes fechou os olhos, refletiu, depois perguntou: – O que pode acontecer ao meu espírito, depois da morte de meu corpo?

— O que tenho aprendido na Doutrina Espírita, que as Leis de Deus são perfeitas, e justas, que responderemos pelos nossos erros, de conformidade com os preceitos dessas Leis, estamos aqui para aprender, Deus não condena ninguém eternamente, nos concede a eternidade, para resgatarmos nossos erros. Quando as religiões conseguirem conscientizar seus fiéis, que todos indistintamente responderemos pelos crimes cometidos, seja nessa ou em outra existência, obrigatoriamente teremos que ressarcir, em detrimento de nós mesmos, a parte que fora lesada, o candidato a infrator, pensaria duas vezes antes de impetrar seu crime.

Sr. Arantes com a voz embargada, disse: – A maioria dos homens, temem as leis dos homens, e conseguem livrar-se delas, se esquecem que existem as Leis de Deus.

Vital levantou-se, despediu do Sr. Arantes, e disse: – Fique com Deus, e acredite, Ele é nosso Pai.

Quando Vital saiu à rua, tinha lágrimas nos olhos, mas não guardava nenhum ressentimento em seu coração. Por entender que acima de nós, e de tudo, existe um poder maior. O poder de DEUS.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 20/07/2025.

Fim

DADOS BIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR

Dezembro 2016 - O Tempo Não Apagou

Fevereiro 2018 - Veredas da Alma

Julho 2019 - Estranho Valores

Junho 2020 - A Vida, a Morte, e o Amor

Janeiro 2021 - Perdão e Recompensa

Janeiro 2022 - Caminho das Pedras

Janeiro 2022 - Onde Se Esconde A Felicidade

Janeiro 2023 – Um Amor de Verdade

Janeiro 2023 – Conhecimento, Nosso Maior Tesouro

Janeiro 2023 – A Força do Amor

Janeiro 2024 – Romances No Agreste

Janeiro 2024 – De Volta ao Passado

Janeiro 2024 – Regeneração

Janeiro 2024 – Um Estranho Amor de Mãe

Janeiro 2024 – Tempos Melhores Virão

Janeiro 2024 – Recomeçar, Para Ser Feliz

Fevereiro 2024 – A Frágil Justiça dos Homens

Março 2024 – Um Lugar Chamado Caprinos

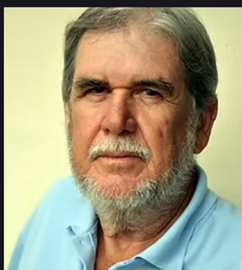
Julho 2024 – Guiados Pelas Mãos do Destino

Abril 2025 – Filhos, Esses Nossos Desconhecidos

Abril 2025 – Coletânea De Prefácios e Introduções

Junho 2025 – O Caminho da Verdade

Antonio Martines Brentan



Antonio Martines Brentan

Escritor independente

www.antoniomartinesbrentan.com.br/

The background image shows a person in a dark hoodie crouching in front of red curtains. A warm, golden light source is positioned behind the person, creating a silhouette effect and illuminating the scene. The floor is covered with a layer of golden, sparkling particles.

Cortinas Sobre a Mente e o *Passado*

escrito por
Antonio Martinez Brentan